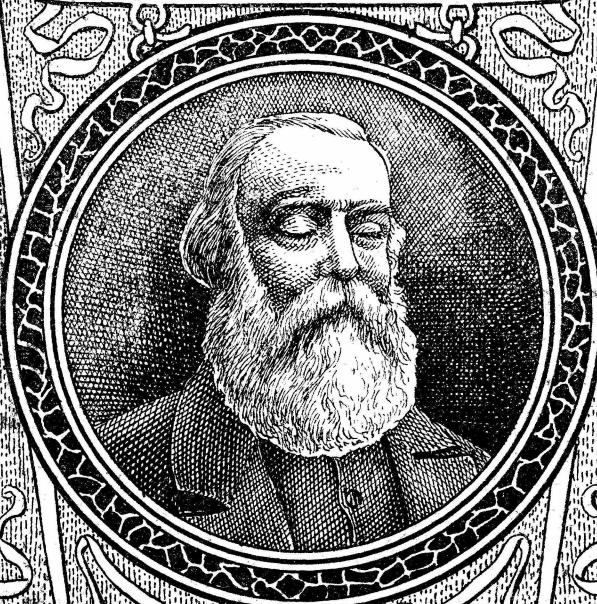


OBRAS COMPLETAS
DE
A. F. DE CASTILHO

— 22 —

O OUTOMNO



LIVRARIA BARATEIRA
LISBOA
34-RUA do DUQUE-36. Tel. T. 1264

OBRAS COMPLETAS
DE
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 22.

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
- IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.º v.)
- V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.º v.)
- VI — A PRIMAVERA (1.º vol.)
- VII — A PRIMAVERA (2.º vol.)
- VIII — VIVOS E MORTOS — Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
- IX — VIVOS E MORTOS (2.º vol.)
- X — VIVOS E MORTOS (3.º vol.)
- XI — VIVOS E MORTOS (4.º vol.)
- XII — VIVOS E MORTOS (5.º vol.)
- XIII — VIVOS E MORTOS (6.º vol.)
- XIV — VIVOS E MORTOS (7.º vol.)
- XV — VIVOS E MORTOS (8.º vol.)
- XVI — EXCAVAÇÕES POETICAS (1.º vol.)
- XVII — EXCAVAÇÕES POETICAS (2.º vol.)
- XVIII — EXCAVAÇÕES POETICAS (3.º vol.)
- XIX — O PRESBYTERIO DA MONTANHA (1.º v.)
- XX — O PRESBYTERIO DA MONTANHA (2.º v.)
- XXI — O OUTONO (1.º vol.)
- XXII — O OUTONO (2.º vol.)

NO PRÉLO :

XXIII — QUADROS HISTORICOS DE PORTUGAL

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XXII

O OUTONO

VOLUME II



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA

Rua Augusta, 95 || 45, Rua Ivens, 47

1905

XXI

A SENHORA DA NAZARETH

(XÁCARA)

Não ha taes memorias, de tanto deleite,
por onde a vontade melhor se esperguice,
como as que rescendem aos beijos e leite
de nossa apartada feliz meninice.

Cavar pelas minas de fundas verdades
é nobre fadiga;
mas contos contados de edades a edades
teem força de encanto que a todos obriga.

Lidae á luz triste das lampas nocturnas,
cobri-vos de brancas, mineiros da Historia;
mandae-nos bom oiro das lôbregas furnas
que a vida vos comem sedenta de gloria;
e nós, fundidores

d'esse oiro que achardes, e seus polidores,
fal-o-hemos estatuas aos olhos do dia;
e por que as o povo frequente á porfia,
as c'rôas sabidas lhes pomos de flores.

E sem mais escudo,
agora diremos primeiro de tudo
o que avós e padres já creram de fé:

e será a origem da grão romaria
que á Estrella dos mares, é Virgem Maria,
nas rochas do Oceano sagrou Nazareth.

I

Em campos de Guadalete
acabado se era o dia;
co'o dia, a grande batalha;
co'a batalha, a monarchia.

Os anafiles dos Moiros
ressoam brava alegria;
Dom Rodrigo Rei dos Godos
á rédea larga fugia.

—«¿Onde te vais, Dom Rodrigo,
«tão só, com tanta agonia?» —
—«Vou-me a fazer penitencia,
«que este mal Deus m'o devia.» —

—«Ventura de Deus te guie.»
—«Justiça de Deus me guia.» —
—«Boas horas, boas fadas
«vão com tua senhoria;

«que se te cobre o descanso
«ao cabo d'essa agra via.» —
—«Boa fada é a penitencia;
«bom descanso a terra fria.» —

Já vai a pé do ginete,
que mais correr não podia;
co'o saial de um pegureiro
trocou galas que trazia.

Assim pobre e quebrantado
aberta uma egreja via;
era de um mosteiro grande
(Cauliana se dizia).

Idos se eram já os monges,
alfaias, e pedraria.
El-Rei, vendo a casa nua,
em Vagrimas se fundia;

suas faces affrontava,
os seus cabellos carpia,
e, por de tudo ser causa,
mui grande mal se queria.

Um só monge que ficára
(Romano por nome havia),
lá d'onde estava poisando
estas lastimas ouvia;

e descendo a toda a pressa,
o viu que em terra jazia,
estirado, e a côr defunta,
aos pés da Virgem Maria.

Soccorrido do bom velho
Dom Rodrigo em si volvia,
e o segredo de quem era
em confissão lhe dizia:

que de seu perdido reino
mais nada não pretendia,
senão só findar a vida
n'alguma cova sombria,

fazendo mil penitencias
cada hora e cada dia,
comendo só das raizes,
e poisando em terra fria.

Confessado e commungado,
como a bom christão cumpria,
só, qual veio, ía abalar-se;
o monge o não consentia:

— «Sim que ireis, mas não sósinho;
«eu vos darei companhia;
«companhia que hei-de dar-vos,
«nunca assim Rei a teria.

«Mais é que espadas e lanças,
«peões, nem cavallaria,
«mais é que exercitos de anjos,
«pois é a Virgem Maria.

«Nazareth em Terra Santa
«esta Imagem possuia,
«mil venerada das gentes
«por milagres que fazia;

«mas, vindo a ser perseguida
«pelas furias da heregia,
«a cá se veio fugida
«(um monge grego a trazia).

«Em braços do santo velho
«(Syriaco, se dizia),
«morenita e graciosa
«joh que bem que parecia!

«Elle chorava de gosto;
«ella é fama que sorria;
«acompanhavam-n-a os anjos
«com celeste melodia.

«Aqui emfim cobrou templo
«depois de tão agra via,
«d'onde ampara ha largos annos
«esta... ha pouco monarchia.

«Ora que o reino se afunda
«com ondas de moiraria,
«fuja connosco por servos
«e com Deus por sua guia.»—

E ditas aquestas vozes
com grão pranto que vertia,
os pés beijou da Senhora,
os pés e as mãos á porfia;

e entregando-a a Dom Rodrigo,
palavras taes lhe dizia
(dizia-as elle chorando,
e el-Rei chorando as ouvia):

—«Peccador, sob'rano de homens,
«¡sus, sus! ¡cobrae-me ousadia!
«que a Santa Rainha de Anjos,
«da Trindade companhia,

«a nascida sem peccado,
«frol de toda a galhardia,
«luz que os infernos espanta,
«ceo, terra e mar allumia,

«por ir-se ao mesmo desterro,
«comnosco se põe em via.
«Já nada vos dê cuidado,
«que a Deus levâmos por guia.» —

II

Deserto fica o mosteiro,
mosteiro de Cauliana;
Rei e monge peregrinos
hão passado o Guadiana;

Guadiana, aquelle rio
que os pés ao mosteiro lava.
Cêrca das aguas o velho
se detinha, e soluçava;

e dizia, agora olhando
o mosteiro, e agora a barca:
— «Mais perdi eu, sendo monge,
«do que este, sendo monarcha:

«elle só perdeu estados,
«mar que nunca tem bonança;
«e eu fujo-te, ¡ai, cella minha,
«minha bemaventurança!

«Ficae-vos, portas abertas,
«que mais não sereis fechadas;
«ficae, altares, viuvos
«d'estas reliquias sagradas.

«Comnosco veem as reliquias,
«vós ficais ás feras bravas.
«Adeus, rouxinol dos hortos,
«que ás matinas acordavas.

«Meu desvelo de trinta annos,
«minha alampada doirada,
«adeus; e adeus, sepultura,
«que eu já tinha tão marcada.» —

— «Adeus mosteiro, e adeus reino;» —
Dom Rodrigo ali bradava,
— «adeus, bella Cava minha;
«minha não, mas bella Cava;

«causadora por teus olhos
«da perda minha, e de Hespanha.» —
Palavras não eram ditas,
voltou a espalda com sanha;

e volvendo com ternura
a abraçar a Imagem Santa,
— «Partâmos», — disse... co'os olhos;
que a voz, cerrou-lh'a a garganta.

— «Partâmos», — tornava o monge;
«fugi-lhe, e havereis a palma;
«traidor foi seu padre ao reino,
«e ella vos matou vossa alma.

«E se inda em tanta miseria
«dama vos póde ser cara,
«cuidae na triste da esposa,
«que deixais viuva.» — «¡Ai Zahra!

—atalhava Dom Rodrigo—
«jai Zahra, triste, coitada!
«|quem te aqesto houvera dito
«no San João de madrugada,

«quando de teus regios paços,
«lá n'essa africana praia,
«ao mar a folgar co'as damas
«sahiste em doirada faia!

«Tomou-vos brincando o vento
«como umas flores cortadas,
«e vos lançou n'esta Hespanha,
«onde fostes captivadas.

«Vi-te, morri, fiquei doido;
«mutuo amor em ambos lavra;
«baptismo e throno me acceitas,
«e á Cava eu quebro a palavra.

«Mas torno-a a ver... o amor velho
«do novo se desaggrava;
«ambas amo, offendo, e perco.
«|Adeus Zahra! |adeus ó Cava!» —

Diz; encommendam-se á Virgem,
sua guia soberana,
e vão-se embrenhando á toa
pela terra lusitana.

De povoados e caminhos
vão desviando as jornadas,
rios e serras vencendo,
medindo as noites cançadas,

sustentando-se das hervas,
orando, e carpindo maguas.
Penados vinte e seis dias,
jeis o mar das muitas aguas!

jo mar, espelho de estrellas!
jo bento mar que buscaram!
e vendo ao pé feras rochas,
ahi dão graças, e param.

III

No cimo do monte bravo
foram n'uma ermida entrar.
Paredes, meio delidas;
Crucifixo sobre altar.

Novas, nem signaes de gente,
não lh'os soube a ermida dar,
mais do que uma campa raza,
sem letras para falar.

Era sitio de tristezas;
tristezas vinham buscar;
e por melhor serem tristes,
se quizeram separar.

El-Rei ficou só na ermida,
que foi mui triste ficar;
passou Romano adiante;
não houve muito que andar:

nas mesmas fragas marinhas
achou logo outro lugar,
por escondido e medonho
conforme ao seu desejar.

Jazia entre duas rochas,
que se arremessam a par,
duzentas braças a pique
penduradas sobre o mar.

N'uma lapa que era em meio
foi a Senhora assentar,
com mil desculpas e prantos
por tão pobre a agasalhar.

Co' as magras mãos foi-lhe erguendo
(¿que mais lhe podia dar?)
paredes de pedra ensôssa,
ao som de um longo cantar:

—«Senhora dos Ceos, ¿e é este,
—lhe dizia—o teu solar?!
«pobres musgos... pobres conchas...
«¿que alfaias para brilhar!

«Em vez das harpas celestes,
«ouvirás ondas roncar;
«em vez de mil coros de anjos
«um só velho a te guardar;

«um só velho, vaso impuro,
«cheio de antigo peccar.
«E em chegando a minha morte,
«que já não pode tardar,

«nem sequer um servo indigno
«terás para te guardar,
«nem uma voz quebrantada
«para o teu nome entoar;

«ninguém virá renovar-te
«os musgos do teu altar;
«Virgem minha, meus amores,
«¡ai! ¡quão só que has-de ficar!

«Mas virá dia, algum dia,
«quando o teu Filho ordenar,
«que de gente baptisada
«te vejas desencantar.

«Dar-te-hão elles, o que o velho
«te não póde agora dar:
«dar-te-hão casa, far-te-hão festas,
«grão fama, grão triumphar.

«Juntarás aqui romeiros,
«como as ondas d'esse mar;
«e contará teus milagres,
«quem as areias contar.

«De Nazareth por memoria
«terá nome este lugar;
«nem sitio na christandade
«não lhe ha-de a palma levar.

«Virão pobres, virão ricos,
«vir-te-hão Reis a visitar,
«todos de ti, morenita,
«morenita singular,

«todos de ti namorados,
«que assim és de enamorar;
«e os ossos nus do teu servo
«na terra se hão-de alegrar.»—

Assim cantava Romano,
cada dia, sem faltar,
na madrugada, ao sol posto,
às estrellas, e ao luar.

E aquella foi prophecia
que lhe Deus quiz inspirar;
que por seculos ávante
se cumpriu todo o cantar.

Morto o velho, Dom Rodrigo
se foi para não voltar;
e só se ouviam nas rochas
o vento, os corvos, e o mar.

IV

Manhans frescas de Setembro,
quando orvalho está a cahir,
frescas manhans de Setembro,
¡quem n-as podéra dormir!

Durma-as el-Rei nos seus paços,
o pastor no seu redil,
as aves nas suas folhas,
as feras no seu covil,

co'as damas os seus maridos;
cada qual segundo a si;
que para os tristes monteiros...
taes somnos, não n-os ha 'hi.

Em luzindo a estrella d'alva,
e inda antes do seu luzir,
Dom Fuas Roupinho alcaide
das mantas os faz sahir.

Vôam corceis e sabujos;
apupa, apupa, clarim,
que esta sina de fragueiros
não tem descanso nem fim;

tremei, gândaras e montes;
ó feras, fugi, fugi;
que logo... nem pés ao gamo,
nem val furia ao javali;

só se lhes valer a névoa;
que nunca mór se não viu.
Indo todos já perdidos,
buzina ao longe se ouviu...

Buzina do alcaide é ella...
vai a chamar... e a fugir...
Traz o som correi, cavallos,
emquanto se póde ouvir;

nem caminhos, nem atalhos;
rasgar fragas e alcantis,
que este apupar de Dom Fuas
é de correr javalis.

Tudo ia em redemoinho;
homens, corceis, e mastins,
ladridos, brados, relinchos,
fragor d'armas e clarins;

e encontra d'onde o som vinha
às cegas era o seu ir,
e a buzina era já perto...
quando cessou de se ouvir.

Pararam todos á escuta;
e estando a escutar assim,
sentiram perto o mar fundo
quebrar com muito motim.

Rompeu-se co'o sol a névoa;
e ao resplendor que luziu,
sobre penha, que duzentas
braças pende ao mar, se viu...

co'as mãos em vão sobre o abysmo...
trepidar, e descahir...
ennovellar-se erriçado...
pular atrás... refugir...

um cavallo; e o bom Dom Fuas
que o remessára até 'li,
saltar por terra, clamando:
— «¡Por ti, Senhora! ¡é por ti!» —

Prostrou-se humilde, e deu graças;
depois benzeu-se, e surgiu.
E ora ouvireis que palavras
aos monteiros proferiu.

V

— «Entre este grande rochedo,
«d'onde eu me ora ia a perder,
«e ess'outro, não menos grande,
«ambos ao mar a pender,

«uma pobre ermida é posta,
«sem ninguém d'ella saber,
«senão eu, que por acaso
«um dia a cheguei a ver.

«Nossa Senhora é lá dentro,
«mui gentil no parecer,
«e co'o filhinho nos braços,
«que não quer adormecer.

«Ou anjos a lá poriam,
«ou monges de bom viver;
«ou quiçá, trouxe-a um desejo
«de estar seus mares a ver.

«Nunca a ninguém falei n'ella,
«nem ousei de a demover,
«que no semblante lhe via
«como estava a seu prazer.

«Ali pois se esconde aquella
«Senhora de grão poder,
«entre estas penhas, que vedes
«ambas ao mar a pender;

«como um relicario ao collo
«de uma piedosa mulher,
«que entre os peitos resguardado
«refoge de apparecer.

«Com Judas traidor no inferno
«sepultado quero ser,
«se não foi aquella Virgem
«quem me ora veio valer.

«Andando vinha eu sósinho,
«sem me de coisa temer;
«co'a névoa não via as ondas;
«não as ouvia bater.

«Surge-me além um veado;
«traz elle parto a correr.
«Mas nem sabujos o alcançam,
«nem lança o póde romper.

«Quanto o mais sigo, mais voa.
«Satanaz deveu de ser,
«que, por caçar caçadores,
«se quiz veado fazer.

«E andou na escolha acertado
«quando besta assim quiz ser,
«que a unha rachada e galhos
«não teve que os esconder.

«Elle corria; eu corria;
«e a névoa sempre a crescer;
«e eu a apupar aos monteiros;
«e ninguem a apparecer;

«vinhamos como dois raios;
«vejo o desaparecer...
«ouvi-lhe o baque nas ondas...
«quíz o cavallo reter...

«pendo-me atraz, puxo as redeas...
«mas co'a furia do correr
«já tinha as mãos sobre o abysmo,
«a arquejar, e a se torcer,

«e já lhe os pés resvalavam,
«e estrabuchava a se erguer,
«e ia baquear... — «Virgem — brado--
«¡valha-me o vosso poder!» —

«O mais vistes vós, que o sol
«acabava de romper.
«Nem maravilha mais certa
«não creio que a possa haver.» —

Tendo isto ouvido os monteiros,
cheios de grande prazer
á cova em tropel se foram
graças á Virgem render.

A fama famosa d'aqueste milagre,
herança que herdámos de padres e avós,
á gloria do Alcaide de Porto de Mós
por filhos e netos bem é se consagre.

E mais se refere, que, por já sem medo
a Virgem Santissima a cães mahometanos,
em braços do Alcaide sahiu do rochedo,

onde tão sósinha curtira degredo
de já quatrocentos sessenta e mais annos

E logo no cume do monte eminente
aquelle seu servo fundou para ella
uma toda aberta, formosa capella,
para sul e norte, levante e ponente.

Do tempo, que tudo consome e desgasta,
inda esta capella não jaz desgastada;
mas casa mais digna lhe foi levantada,
em que hoje se adora de povo que a abasta.

E as suas paredes estão recobertas,
com serem tamanhas,
de grandes milagres, e curas mui certas,
que ha feito a devotos de todas Hespanhas.

Se um dia lá fôrdes curioso e romeiro,
ouviréis o caso contado em geral,
e inda lá na penha vereis o signal
do pé do cavallo do bom cavalleiro.

O qual, por que tudo saibais desde agora,
foi esse almirante que á mesma Senhora
deveu a victoria do perro Alfamini;
e logo outra em Cepta da barbara frota;
até que, tornando na mesma derrota,
nas ondas traidoras achou sua fim.

Fenece o rimance da historia mui pia.
Quem quer que folgasse de ouvil-a contar,
reze um Padre Nosso com uma Ave-Maria
por todolos que andam sobre aguas do mar.

Lisboa—1839.

XXII

O NATAL SUECO

(Extracto de uma viagem de Arndt pela Suecia,
inserto no «Penning Magazin» dinamarquez e traduzido
pela snr.^a D. Anna Carlota Vidal de Castilho)

N. B. O trecho que se vai ler appareceu
na *Revista Universal Lisbonense* de 18 de
Janeiro de 1844.

A festa do Natal, em Suecia, principia,
como entre os Allemães, na santa noite da
Natividade; mas dura por mais tempo, dei-
tando ainda até dia de Reis pelo menos, e,
verdadeiramente, até aos 13 de Janeiro, dia
de S. Canuto.

¡O Natal! ¡Onde ha ahi choupana ou pa-
lacio em toda a Suecia, que n'este praso não
ostente a sua alegria!

Achava-me eu em Stockolmo; tudo ali era
bulicio. Ha uma feira, onde se vende toda
a sorte de gulodices e quinquilharias para
creanças e senhoritas, e Deus sabe para quem
mais. Esta feira estende-se pelas differentes
ruas da cidade, guarnecidas de barracas, to-

das illuminadas, assim como as lojas de modistas, e até algumas casas particulares: faz lembrar o carnaval. Até á meia noite não se vê senão uma confusão de gente, que, debaixo d'esta fria estrella do norte, festeja o nascimento do Salvador. Então se reúnem as familias: as creanças recebem os seus presentes, as pessoas grandes acceitam e mandam as suas *pancadas* ou *toques do Natal*. Tudo anda nadando em alegria pelo já obtido, e em esperança pelo que ainda se hade obter. Tambem nós conhecemos estas *pancadas do Natal* (*juleklap* em dinamarquez, *juleklappar* em sueco). Conhecemol-as como um costume transplantado para a nossa terra; mas sente-se que não nos são nativas: falta-lhes o espirito, o lustre, o aroma proprio; bem se vê que é um estylo que está fóra do seu logar.

Pancadas do Natal se chamam os presentes, que, por modo de peça, mandam uns aos outros. Reina o folguedo. Não se cuida senão em bailar e brincar, ainda que ás vezes lá vão tambem á mistura seus chascos. São as saturnaes do norte. Mas quem poderia em dias taes escandalisar-se de nada?

Por esta occasião póde-se alegrar ao indigente, sem o vexar com o beneficio. Pode-se, com um presente engraçado, divertir, e ao mesmo tempo castigar, a um zombeteiro. Póde-se mandar ao objecto amado a linguagem do coração, que então gosa de mais soltura que no restante anno; e talvez é mais efficaç, porque a alegria é a precursora do amor. Póde-se finalmente punir um tolo presumido, sem para isso incommodar

os tribunaes; só certas coisas que nos paizes meridionaes se podem e costumam fazer, sob o disfarce das mascaras, não lembram a ninguem n'este paiz, onde existe a probidade, e onde são desconhecidos os enredos maliciosos. Vêem-se andar girando numerosos portadores mascarados; correios a cavallo e a pé, mancos com as suas muletas, pessoas em trajos de frasqueira; porque é da regra que todo o presente de consoada deve vir de um modo inesperado, e por mão desconhecida, e apparecer de subito como uma divindade; o essencial é que se faça a coisa de relance e enigmaticamente:—bate-se á porta, e apenas ella se abriu, arroja-se o don pela casa dentro, e desaparece-se; d'este bater á porta, segundo dizem, é que se deu á consoada o nome de *toques* ou *pancadas do Natal*. Isto pelo que pertence ás cidades: agora no campo, ainda se veneram mais os costumes antigos, e não só entre os camponezes, mas tambem entre as pessoas graves que lá residem.

Por mau observante das festas do Natal passaria aquelle que, em todo o oitavario, deixasse de viver em folganças com os seus vizinhos e amigos. Ninguem o passa só consigo e sem se divertir, e muito menos os aldeões.

Desde a vespera do Natal todas as mezas estão postas; n'ellas se alardeiam com profusão fiambres de presunto e vacca, queijo, manteiga, boa cerveja, e aguardente. De tudo se offerece a quem entra; e não ha remedio senão acceitar e comer, pouco ou muito; quando não, o *sobrio* leva consigo, como

elles dizem, a alegria do Natal. N'estes dias santos não se faz outra vida senão bonachira, dançar e tocar.

As papas do Natal (*julgræt*) e o pão do Natal (*julbræd*) pertencem exclusivamente ao primeiro dia. Em algumas casas junca-se de palha o sobrado, em memoria provavelmente do Presepio. As festas são mais ou menos circunstanciadas, conforme no lugar se conservaram mais ou menos os costumes antigos.

Em muitas partes continúa a festança por todos os quinze dias, que decorrem até aos Reis, com pequenos intervallos; n'outras deitam até 13 de Janeiro, ou vinte dias depois da Natividade, praso em que, n'outro tempo, se acabava a festa com muita comezaina. A este dia se denomina o *S. Canuto* ou de *S. Canuto*; e diz o rifão: *Com S. Canuto sai dançando o Natal*, ou tambem: *S. Canuto levá o Natal de carruagem*.

Alguma coisa mais diremos dos costumes d'este tempo, costumes em parte abolidos, mas em parte ainda subsistentes. Tudo, desde a noite do Natal, deve ficar prompto para os dias seguintes, em que nenhum trabalho se ha-de fazer. Solta-se o cão de guarda; dá-se melhor comida ao gado, para que tambem elles conheçam que é tempo de alegria. Antigamente punham-se as papas do Natal e outras iguarias em vasos proprios no meio das eiras; e a estas offertas se ajuntava a de um vestidinho para o *Tomtegubben*, a fim de elle continuar a trazer a fortuna para a casa. (*Tomtegubben* é um espirito, duende ou trasgo, que, segundo a

crença popular, pertence e preside ao terreno, e que ás vezes apparece em figura de velhinho folgazão.) O quarto do dono da casa onde a festa se ha-de fazer, ha-de estar armado de cortinados brancos ou de côres, e melhor será se tiverem estampado algum passo adequado, como a adoração dos pastores e dos reis, ou as bodas de Caná. Em muitas partes atapeta-se o pavimento com palha de centeio; as melhores roupas da casa, e os fatos domingueiros dos seus moradores, devem estar em ostentação. Tudo deve estar varrido, lavado e escasqueado; os trastes de cobre, latão e prata, resplandecentes nos seus logares proprios. Do tecto pende sobre a meza, posta e carregada de comida, uma capella de palha enfeitada. Cada creada faz um molhinho da mesma palha de centeio com a espiga, e o entala nas fiskas do tecto ou nos beirados da casa, para conhecer (pelo numero dos bagos que se não desapegarem) o numero de namorados ou aspirantes a maridos que lhe hão-de apparecer durante a festa.

Nas comidas da primeira noite entram infallivelmente peixe-pau, hervilhas, arroz de leite, cerveja, e aguardente. Ao começar e ao acabar da meza canta-se uma cantiga; segue-se uma reza com toda a gravidade, e depois mais cantigas.

A luz fica acceza toda a noite. Em algumas partes faz-se no chão uma cama de palha, que se chama *cama da irman*; e n'ella dormem as creanças e as creadas. Todos os sapatos n'esta noite se põem juntos e muito direitinhos, uns ao-pé dos outros, para que

os seus donos vivam em paz todo o anno. Para tudo tem virtude a *palha do Natal*: gallinha ou gansa a quem fizeram com esta palha o ninho ou cama para a sua criação, está livre de ser accommettida pela marta, ou por qualquer bruxaria; posta á roda de uma arvore ou lançada por cima de qualquer campo, esta palha faz medrar e frutificar. Dada ás vaccas, antes de partirem para o pasto na primavera, livra-as de doenças, e impede que fujam. Na noite do Natal procura-se adivinhar o que ha-de acontecer até d'ahi a um anno. Mas tudo isto já andou mais em uso; e hoje o proprio vulgo pratica mais estas usanças como antigualhas, do que por fazer grande cabedal do seu prestimo.

Era tambem ritual ir ao romper da alva ao bosque mais vizinho da povoação, sem dar palavra nem voz alguma, sem olhar para traz, sem se ter desjejuado com sólido nem liquido, nem visto fogo, nem ouvido cantar o gallo. Se, por acaso, ao despontar do sol se ia pelo caminho da egreja, adivinhava-se que numero de enterros haveria no decurso do anno, e, pelo aspecto dos campos e prados se calculava a futura colheita, e tambem que incendios estavam para vir. A esta peregrinação davam o nome de *curso do anno*.

Não faltam abusões infantis, mas a mais geral é a *luz do Natal*. Se acontece que esta luz se apaga de noite, alguém da casa ha-de morrer dentro no anno; o côto arrecada-se muito bem, e é um milagroso unguento para feridas de pés e mãos.

Ainda no seculo passado juncavam as

egrejas com palha; mas isto já hoje está prohibido, como costumeira indecente. O levantar era pelas tres ou quatro horas (isto é, quatro ou cinco horas antes do sol nado); ia-se para a egreja á Missa do Natal. Cada camponio levava sua véla ou facho, com que o templo ficava todo resplandecente. Nas provincias do norte ia-se da egreja passear ao bosque mais vizinho, em sege ou coisa semelhante, os que a tinham; e, chegados lá, atiravam todos para um monte os fachos que levavam, formando uma fogueira em memoria do grande luzeiro celestial, que era nascido. Ao tornarem para casa, vinham todos de carreira despedida, a qual primeiro havia de chegar; porque, o que n'isto ficasse atrás, tinha-se que tambem o ficaria depois na lavoira e na colheita.

Em algumas provincias usavam solemnizar o segundo dia do Natal com as correias de Santo Estevão, que é o advogado dos cavallos. Primeiro começava-se por beber em honra do Santo; depois iam levar os cavallos a beber a sitios descostumados; e tornavam-se a galope e á porfia, para suas poisadas; mas este festejo tem ido progressivamente decahindo n'estes tempos mais illustrados, em que vivemos, e em que a primeira coisa que se pergunta é — ? que rende isto ?

Requisito não menos indispensavel que as *papas do Natal*, é o *cordeiro do Natal*. *Cordeiro do Natal* e *pão do Natal* vem a ser uma e a mesma coisa. Este pão que é feito da flor da farinha, tem esculpido geralmente um carneiro, com a sua competente armação, e outras vezes um javali. A ex-

plicação do javali é porque este animal, como todos sabem, representava um grande papel nos banquetes, assim profanos, como religiosos e consagrados aos deuses, entre os antigos escandinavos. Este pão denominado, como dizemos, carneiro do Natal, põe-se no meio da mesa, cercado de presunto, queijo, manteiga, cerveja e aguardente, e conserva-se até dia de S. Canuto.

Havia com este pão muitas superstições. Alguns o guardavam até á primavera; e então davam a comer d'elle aos cavallos, aos porcos, ás vaccas, e até aos homens de trabalho, antes de se irem para os campos, no presupposto de que assim se auguravam prosperidades e colheita farta.

Tambem n'outro tempo era grande objecto a *bola do Natal* (*Julklabba*). Estava esta bola pendurada do tecto por cima da mesa: tocavam-na de todas as partes, e deixavam-na, para que ella indicasse quem primeiro havia de beber. Do mesmo modo se divertiam tambem com o gallo do Natal, que era outro entretenimento como o do guerreiro de palha, representando o dono da casa. Isto, a cabra cega, muitas cantigas do Natal, jogos de todas as castas (chamados geralmente *Jullekar*) ainda em muitas partes estão em moda.

Antigamente não havia divertimento ou extravagancia, que em dias taes se não admittisse; e eu possuo uma grande collecção d'estes jogos descritos em versos, onde se pinta lindamente a innocente e graciosa singeleza, que n'aquelle povo por mil modos diversos se manifestava.

XXIII

O NATAL DO POBRESINHO

(Advertencia que precedia este opusculo no tomo IV
da «Revista Universal Lisbonense»)

Os versos dinamarquezes, de que os seguintes são muito paraphrasticamente vertidos, foram recitados pela famosa actriz **Madama Heiberg**, casada com o poeta dramatico do mesmo nome, em uma festa publica celebrada em Copenhague, para beneficio dos Asylos de infancia desvalida; para esse fim os compozera (ou mais propriamente os variára de um antigo canto popular allemão) de proposito **H. P. Holst**, que os incorporou no interessante volume, que sahio de suas poesias em 1840.

Para melhor se entenderem, cabe recordar o que já o anno passado ¹ contámos ácerca da chamada arvore do Natal, geralmente costumada nos paizes do norte, moda peregrina, que mais que muitas outras á tôa trazidas mereceria transplantada para entre nós.

Toda a familia que tem creanças, arma n'um quarto fechado e, quanto se póde ás es-

¹ Refere-se ao artigo que de ixâmos transcrito.

condidas d'ellas, um pinheiro ou outra qualquer arvore verde, com os ramos carregados de luzes, frutos, e confeitarias; á roda do pé da arvore está meza posta com tantos logares quantos são os meninos ou meninas de casa ou de fóra, para quem a festa se destina; e para cada um e cada uma ha ali sua quinquilharia ou diche util, segundo sua idade e gosto; tudo envôlto em seus papeis doirados ou de côres, com formosos laços de fita, e o nome do feliz escrito por fóra. Na santa noite abre-se a porta, entra a feitiçeira e tumultuosa invasão, e tomado por cada um o que lhe toca, descoberto, festejado, agradecido, e mostrado com clamores, precipitam-se á porfia sobre a arvore, que n'um momento fica alliviada do seu peso, mas que ainda com as suas luzes fica presidiendo a uma dansa d'aquelle rancho de bem-aventurados.

¡Oh que asperrimo Dezembro!
Treme o frio em cada membro,
se cogito, se me lembro
do que lá por fóra vai.
Pelos gelos da vidraça
ólho a rua; ninguém passa,
mais que o vento, que esvoaça
sobre a neve; e neve cai.

Mas á nossa residencia
(Graças mil, ó Providencia)
traz de Dezembro a inclemencia
delicias a plenas mãos.

¡Viva o Natal! ¡santo dia!
bom fogo aquece e allumia
a domestica alegria
de meninos e anciãos.

Vêde este bando innocente,
como folga e ri contente,
dansando em torno á luzente
arvor' do santo Natal.
Mas em rica sala acceza;
¡que admira, se em tósca meza
nem aos filhos da pobreza
falta a usança festival?...

N'este dia, n'esta hora,
em que infante um Deus se adora,
não ha penas; ninguém chora;
toda a terra está feliz.
¡Toda?! ¡A's portas d'esse nobre
não vejo eu bater um pobre,
que o vento cruel descobre
das rôtas vestes subtís?

¡E não é elle um menino?
¡não vaga sem luz, sem tino,
ludíbrio de atroz destino
por entre tanto folgar?!
Vem-lhe o cheiro dos manjares;
vem-lhe o estrondo dos folgares;
e entre tantos ricos lares...
não encontra aberto um lar.

¡Frio e fome! (¡coitadinho!)
Como ave implume e sem ninho,
vai, sem lhe importar caminho;
vai, sem saber onde irá.

Ninguem sabe, nem presume,
quantas penas em cardume
aquella avesinha implume
curtindo em silencio está.

Ir ávante... não se atreve.
Ajoelha sobre a neve;
e desata n'esta breve
prece humilde a voz e os ais;
humilde prece, que o vento
abafa e tronca violento,
para a ir pôr no ethéreo assento,
longe de ouvidos mortaes:

— «¡Meu Deus, morrer só comsigo!
«¡Deus meu, não ter um amigo!
«¡não ter, ó meu Deus, abrigo
«de pae, de mãe, nem de irmão!
«Não posso mais; não resisto;
«tenho fome e frio, oh Christo;
«pequenino sou...»—E n'isto,
soluça do coração.

«Todos, todos d'esta idade,
«na tua festividade,
«bom Jesus, teem claridade,
«prazer, fartura, e calor;
«d'entre as tuas creaturas
«só eu te adoro ás escuras;
«só contra mim te conjuras,
«Menino que és todo amor.

«Paciencia... pouco importa;
«dá tudo aos mais e os conforta,
«mas a mim... a tua porta
«depressa me faze abrir.

«N'este mundo frio, escaço,
«não posso dar mais um passo;
«de tua Mãe no regaço
«quero ir poisar, e dormir.» —

Diz, e assenta-se carpindo.
Eis que outro infante mais lindo
lhe apparece, refulgindo
qual uma estrella sem veo;
tem de neve e d'oiro a veste,
azas de azul, voz celeste:
— «Sempre contigo me houveste»
lhe diz, apontando ao Ceo.

«Olha a estrellada abóbada,
«irmão querido,
«terrestre anjinho candido
«a quem presido;
«de luzes toda esplendida,
«rica, immortal,
«aquella, aquella é a arvore
«do teu Natal.

«D'alvas estrellas trémulas
«enflora os ramos;
«nós, nós o bando alígero,
«n'elles cantâmos.
«Já nosso Pae (consola-te)
«lá te anda a pôr
«as ineffaveis dadivas
«do seu amor.

«Sôa a tua hora; alegra-te;
«surge immortal;
«aquella, aquella é a arvore
«do teu Natal.» —

Tudo que assim lhe dizia
o risonho ethéreo guia,
tudo cheio de alegria
'stava o pobresinho a ver.
Pouco a pouco os olhos cerra;
quando outra vez os descerra,
em vez do exilio da terra
acha a Patria do prazer.

Já tem azas, gira, vôa ;
já co'os anjos gloria entôa,
já sua arvore o corôa
de estrellinhas em botão ;
já sente affago materno ;
já disfruta amor paterno ;
das virgens o côro terno
o saúda por irmão.

¡Ah ! como este innocentinho,
sem plumas, sem mãe, sem ninho,
não tem o mundo mesquinho
tanta creança ? e não tem
outras mil de peor sorte,
com quem é madrasta a morte,
e a quem bradará mais forte
a penuria do que o bem ?

¡Quão formosa a caridade,
que imitando a Divindade
folga se acha um d'esta idade,
como se achára um sequim,
e o beija, enthesoira, e zela !
¡Oh não, que a não ha mais bella!
— «Os pequeninos — diz ella, —
«deixae-os vir para mim.» —

Vós á terra e ao Ceo propícios,
que dais com mil beneficios
contra a fome e contra os vícios
asylo ao bando infantil,
redobrae com mãos piedosas
esmolas, que milagrosas
recobrareis feitas rosas
nos campos do eterno Abril.

Lisboa
Dezembro de 1843

XXIV

LENDA DOS BAILARINS

Saltae, cantae, filhos; vós sois pequeninos,
e a Deus ledamente se deve servir;
Jesus nas palhinhas estava-se a rir.
e depois de grande chamava os meninos.

Saltae, cantae, filhos, que o santo Natal
é festa de todos, mas vossa mórmemente:
Jesus é no berço; no ar refulgente
volteia de anjinhos um bando contente,
que são as creanças do reino immortal.

Aqui, brincae, filhos; mas logo, no templo,
respeito e fervor;
porque... mas sentae-vos, e ouvi-me este exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

*

Foi caso mui triste, de horror e de espanto;
ninguem o leu nunca sem trémula voz;
mas não tenhais medo, que Deus é por nós,
e a Virgem nos cobre com seu rico manto.

Cozei-vos comigo; presta-me atenção.
Faz hoje oitocentos e trinta e dois annos...

(;Ouvís os repiques, e os gallos ufanos,
que estão á porfia clamando aos humanos:
;Nasceu Jesu-Christo, baixou redempção !?)

Foi pois n'esta noite das glorias do templo,
n'est'hora de amor,
que lá em Saxonia passou este exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

*

Ia ao cemiterio, n'essa noite aberto,
muito povo á Missa; doze horas a dar,
subia a dizêl-a no festivo altar
um clerigo velho chamado Ruperto.

Ouvia-lh'a o povo com mil devoções;
não só por ser padre de mui santa vida,
e ser tal o dia, senão porque a ermida
estava em paragem que tanto convida
a sérias tristezas e pede orações.

Ermida entre mortos... é como n'um templo
sacrario interior;
não tremais, filhinhos, mas ouvi o exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

*

Havia na terra (chamava-se Othério)
um homem sem siso, sem lei e sem Deus;
o qual n'essa noite com quinze dos seus
e mais tres mulheres veio ao cemiterio.

Vinham de uma ceia de largo beber;
chegaram; bem viram que se estava á Missa;

voltaram-lhe as costas; o demo os enliça,
os leva, os arrasta, nas almas lhe atica
o fogo insensato de um sôlto prazer.
Entraram-se em dansas diante do templo
com alto clamor...

Não riaes, ó filhos; ouvi este exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

*

Sentindo a doidice d'aquella impia turba,
o padre da Missa lhe manda intimar,
que respeite os santos mysterios do altar,
e a paz dos finados, que assim se perturba;

que ás trovas profanas e ás dansas dêem fim,
ou vão proseguil-as em outros logares.
Com palmas, com risos, com chufas alvares
os impios respondem; e aos torpes folgares
estrépitos novos ajuntam assim.

Ruperto se abraza no fundo do templo
em santo furor.

Ouvi ora o resto, que foi grande exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

*

—«Em nome do Padre, do Filho e do Esp'rito,—
sussurrou o velho: — «já que assim folgais,
«folgae todo um anno.»— ¡Palavras fataes!
¡Occultos juizos do Ser Infinito!

Sahiu todo o povo; ficaram-se ali,
dansando ás escuras em dansa hedionda;
veio o novo dia, durava inda a ronda,

sem que haja de tantos um só que responda
a quem se dóe d'elles, ou d'elles se ri.

Os mortos não guardam de roda do templo
silencio maior.

Ouvi, ouvi, filhos, o horriavel exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

*

Já passa outra noite, já passa outro dia,
je as furias dansantes a mais, sempre a mais!
veem filhos, mulheres, maridos e paes,
parentes, extranhos, e tudo á porfia,

pedir-lhes, clamar-lhes;—; clamores bem vãos!
nenhum volve o rosto, nenhum muda o passo;
proseguem travados no mesmo compasso;
se um braço lhes puxam, lá vem solto um braço,
qual lêveda massa se aparta entre as mãos;

e nem corre sangue, nem o ecco do templo
repete ais de dor;
nem pára o remoinho; ;terrivel exemplo!
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

*

Chegavam-lhe aos beiços comer ou bebidas,
e não lhes tocavam; bradavam-lhes ;sús!
e não se detinham; mostravam-lhe a Cruz,
não davam por ella taes almas perdidas.

N'aquella retoixa de frágua infernal,
passaram Dezembro, Janeiro, Fev'reiro,
os mezes das flores, os sóes do ceifeiro,

a quadra das frutas; emfim anno inteiro,
até que de novo foi vindo o Natal,

e achou-os ainda diante do templo
no mesmo furor,
mas quasi esqueletos... ¡ai lugubre exemplo!
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

*

Nem gotta de chuva sobre elles cahira;
o sol os tornára mais negros que o breu;
já té ás cinturas a terra os sorveu,
cavada, esvarrida com tal vira-vira;
e o fato e o calçado diff'rença não teem.
Co'a praga tremenda do irado Ruperto,
por li aos infernos se iriam de certo,
se a benção trazida por Santo Heribertho,
que é Bispo em Colonia, salv-os não vem.

Co'a benção pararam, cahiram. Ao templo
os leva o pastor.
; Da graça divina magnifico exemplo!
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

*

Já são absolvidos com doces confórtos,
e á Missa commungam do santo Natal.
Já teem brancos rostos, e as almas crystal.
As tres logo expiram, e seis cáem mortos.

Nove entraram logo dos Ceos nos festins;
aos dez, que ficaram, tão puros, tão prestes

tambem não tardaram as bodas celestes,
que a seis de Janeiro já entre os ciprestes
co'os nove poisavam os dez bailarins.

¡Mas lá toca á Missa! corrâmos ao templo
com todo o fervor.

!Dae vós, pequeninos, aos grandes exemplo,
respeitando as coisas de Nosso Senhor.

1844.

XXV

O RAPTO DE EUROPA

VERTIDO DE MOSCHO

E DEDICADO AO HELLENISTA INSIGNE, E INSIGNE POETA PORTUGUEZ

ANTONIO JOSÉ VIALE

I

Sonhára um dia Europa um sonho encantador,
todo influxo da mãe das Graças e do Amor.

*

Era a noite no termo, em que, esperando a aurora,
mais doce reina o somno; hora, aprazível hora,
em que o vigor exausto aos membros se refaz;
hora, em que, extranho ao mundo, o espirito se apraz
nas meigas illusões dos sonhos, que fagueiros,
contra o costume seu, nos falam verdadeiros.

*

No andar superior do palacio Real,
a agenória Princeza, em leito virginal,
Europa, dorme ainda. Em sonhos está vendo
travarem-se por ella ás mãos de Marte horrendo
duas partes do mundo: Asia, d'alem; de cá
o patrio continente em que ella propria está.

Tem uma e outra a fôrma, a face, feminina; mas esta, conterranea; aquella, peregrina. A primeira, por filha a reivindica:—«¿O ser, «quem, senão eu, lhe ha dado? aqui foi seu crescer; «foi aqui seu florir...»—Da outra os fortes braços a cingem entretanto; e ella áquelles abraços não resiste; ir se deixa.—«Europa é minha;—diz a soberba estrangeira;—«o fado assim o quiz; «o oraculo m'a dá.»—

Em seu convulso leito n'isto a donzella acorda, alvorotado o peito; surge trémula; o sonho, o que viu, e inda vê... não crê ser illusão; ser um annuncio crê.

Senta-se, e longo espaço immovel se conserva, que os dois vultos rivaes presentes inda observa.

Sólta por fim a voz:—«¿Que nume aqui me traz estas visões!?—exclama;—«e quando em tanta paz «descanso adormecida, ¿a que vem, tão violento, «um sonho, um sonho assim, turbar meu pensamento?! «¿Quem era essa estrangeira, essa mulher... que eu vi!? «¿que subita affeição por ella não senti! «¿je ella, com que ternura ao peito me apertava! «¿como era maternal o olhar que em mim fitava! «Tornem-me os Immortaes propicio o sonho meu.»—

II

Levanta-se; a buscar suas socias correu; socias suas na idade, egualmente donzellas, dignas do seu amor, illustres, meigas, bellas; côro que a segue sempre, e quando aos campos sai, e quando as danças tece, e quando ao banho vai no fresco umbroso Anauro; ou quando finalmente boninas vão colher no prado florescente.

De Europa ouvindo a voz, todas correndo veem;
cada qual já na mão o seu cestinho tem,
em que ha-de arrecadar das flores a colheita.
A turba folgasan, parte; lá vai direita
aos chãos onde tem d'uso ir mais vezes brincar,
por ser entre rosaes, e ouvir-se aos pés o mar.

III

O cesto da Princeza era na arte prodigio:
feitura, e rico don do sabio fabro anfigio
a Lybe, quando Amor a Neptuno a juntou.
A' bella Telephaça, após, Lybe o doou:
eram do mesmo sangue; e Telephaça o dera.
á sua filha Europa.

A industria não espera
ter gloria igual jamais: do artista a mão subtil
primorosos n'esse oiro unira assombros mil.
Lá se via esculpida, em fórma de novilha,
já sem nada de nympha, Io, de Inacho a filha;
viam-se os ageis pés as ondas retalhar;
nadava; azul escuro era o cariz do mar;
e dois homens, de lá, da costa, em pé nas fragas,
a admirar que uma vacca assim fendesse as vagas.

Depois, estava Jove: a dextra do Immortal
via-se, mimos toda, affagar o animal,
d'esse aspecto illusor logo após desvestil-o;
e Io, outra vez mulher, co'o deus ao rez do Nilo.
Da septemflua corrente eram prata os caudaes;
de bronze a vacca; de oiro o rei dos Immortaes.

Tal por dentro o lavor.

Co'o fim do extranho caso
se arraiava por fóra o ambito do vaso:
via-se lá Mercurio; o eterno velador,
Argus, lhe estava junto; o astuto embahidor

decepa-lhe a cerviz; o sangue purpureja,
em pavão se converte; o pavão se espaneia,
alardeando ao sol seu fulgido matiz;
da nobre cauda aberta alça as plumas gentis,
como véla de barco a resvalar nas ondas.
D'estas plumas a curva é que veste as redondas
bordas do cesto rico, obra do Lémnio deus,
e don de Thelephaça á filha, amores seus.

IV

Mal se viram á sôlta em seus dilectos prados,
lançaram-se a folgar. Cada qual seus cuidados,
entre mil flores, punha em procurar a flor
mais da sua affeição: dos narcisos o olor
praz a uma; outra, quer o jacinto; a violeta
é d'esta; o serpol, d'essa. A terra se atapeta
co'o flóreo desbarate. Além, se luta; quer
cada uma apanhar primeira o bem me-quer.

Por outra parte Europa andava emtanto ás rosas,
co'um grupo de fieis, formosa entre as formosas,
qual de Paphos a deusa entre as Graças louçans.

;Oh brincos da innocencia! ;oh doces horas vans!
cedo lhe ides fugir. Das flores a colheita
está por pouco; o cinto, o cinto que se estreita
na virginea cintura, em breve o soltará.
Jove a divisa, pasma, adora-a, d'ella é já;
pois o idalio farpão, que ri da omnipotencia,
mal n'ella os olhos poz, com subita violencia
partiu, chegou, rompeu, lhe abraza o coração.

V

Medroso da consorte, e ardendo em ambição
de render a Princeza, occulta a divindade;
some em taurina fôrma a eterna majestade.

Não era um toiro, não, como esses que observais
nas leziras pastando, ou presos nos curraes,
ou que vão arrastando os carros gemedores,
ou revolvem co'a relha a gleba aos lavradores:
todo amarello-escuro, a fronte só lhe tem
redonda malha argentea; azul, que a nascer vem,
é dos olhos a luz accesos de ternura.
Duas pontas eguaes c'roam-lhe a catadura,
imitantes no airoso á lua em seu crescer.

N'este aspecto fallaz sumido o ethéreo ser,
entrou Jove no prado.

As timidas donzellas
não fogem do animal, que se approxima d'ellas;
approximam-se d'elle, e folgam de o tocar.
Na fragrancia que exhala, embalsama-se o ar;
todo o vergel do prado é menos rescendente.

Apenas chega ao-pé da Princeza innocente,
pára; lambe-lhe as mãos, os pés, o collo; faz
quantas caricias póde. A fronte, não minaz,
tambem ella lhe afaga; o limpa d'alva espuma;
limpo, o contempla, o beija, uma vez, e mais de uma.
Então, o ouve mugir; um suave mugir;
;tão suave! ;tão bom!... que lhe parece ouvir
de uma flauta migdónea os sons melodiosos.

Dobra o toiro ante Europa os joelhos nervosos;
encara-a prazenteiro; e encurvando a cerviz,

lhe offerta o largo dorso.

— «Avizinhae-vos — diz Europa ao lindo rancho — «é vir; é vir sem medo; «bem vêdes quanto é manso, e como poisa quedo; «vinde, e n'elle comigo, ó socias, vos sentae. «!Que festa vamos ter! Deitado, repara, «para todas dá campo o lado seu macio; «sentemo-nos; será como ir sobre um navio. «Não ha p'rigo nenhum, nenhum! não é feroz «como os outros; discorre; johl! se tivesse voz, como foi dada á gente, e soubesse exprimir-se!...» —

VI

Diz; senta-se no toiro, esbelta, audaz, e a rir-se; iam seguir-lhe o exemplo; o toiro, que feliz já tem quanto anhelou... parte; os ares subtile rasga, vòa, é na praia. Embalde a afflicta dama, para trás revirada, as caras socias chama, os braços lhes estende, e lh'os estende em vão; nem já podem ouvil-a. O roubador então no mar comsigo dá.

Nada como um golphinho; afasta-se da terra; o liquido caminho as plantas não lhe molha; e o turbulento mar vê-se ante elle, de humilde, as ondas aplanar.

As baleias, em torno ao grão senhor dos nubes, retoçam de alvoroço; os delphins em cardumes mergulham té o abysmo, e, doidos de prazer, do immenso plaino á flôr tornam a apparecer. As filhas de Nereu, das humidas moradas saem todas; e veem, sobre monstros sentadas, desfilarem na presença ao arbitro dos Ceos; e Neptuno, que exulta entre horror de escarceos,

esse, o proprio Neptuno, honrando o irmão celeste,
lhe espelha todo o mar, d'alegre azul lh'o veste,
de planicie em planicie elle mesmo o conduz.
Rodeiam-n-o os Tritões, que surdiram á luz
das cavernas sem fim que habitam no profundo;
e no torcido busio, em cantico jocundo,
fazem troar ao longe o carme nupcial
ao par que ora transpõe seu lustroso crystal.

VII

No emtanto Europa vai no toiro omnipotente,
n'um dos cornos segura uma das mãos trememente...
a outra, a cada instante a abaixar, a compôr,
a veste purpurina, abrigo do pudor;
leve abrigo, que o vento ás vezes, quando passa,
lhe ondula, e, mal cortez, não raro lhe arregaça;
e tanto a abaixa, e tanto, (¡ingenua timidez!)
que a barra á flor do mar se molha alguma vez.
Enfuna se o amplo veo sobre os hombros da bella;
solléva-a, como barco arfa com plena véla.

¡Ai! ¡do paiz natal, ai! quanto longe está!
costas, onde o mar bate, esvahiram-se já;
nem sequer já descobre o pincaro de um monte;
mar, sem fim, sob os pés; ceo, sem fim, sobre a fronte...

Olhando em torno... exclama:—«¿Onde vamos?! quem és,
«divino toiro, ó tu que sob os duros pés
«calcas sem medo o pego?! as naus o Oceano açoitam;
«mas á planicie undosa os toiros não se afoitam.
«¿Aguas doces á sêde encôntral-as aqui?
«¿onde vês um só pasto? ¿oculto acaso em ti
«vai um deus? mas então... se és deus... ¿como se explica

«praticares acções que nunca um deus pratica?!
«Não vão delphins á terra; ao mar toiros não veem;
«tu...por terra, ou por mar, corres, se te convem;
«são-te remos os pés; talvez teu peso grave,
«se o quizesse alçar, cortára os ceos como ave.

«Ai! ¡misera! ¡deixei os paços de meu pae!
«de um toiro me fiei, que levando-me vai,
«tão perdida, tão só, por este horrivel ermo
«de aguas! ¡aqui! ¡alem! ¡mais longe! ¡aguas sem termo!

«Mas tu, Neptuno, ó tu, que das ondas és rei,
«presta-me o teu favor; quem me leva, não sei;
«mas descobrir espero o deus que me encaminha;
«que, certo, um deus protege esta viagem minha.»—

Calou-se; e vozes taes o toiro lhe volveu:

— «Virgem, não hajas medo; anima-te; sou eu;
«sou Jupiter. Meuser, selhe apraz transformar-se,
«transforma-se; tomei por ti este disfarce,
«e n'elle vou cortando esta immensa extensão.
«Vê quanto póde amor por ti n'um coração!
«Mais um momento . e Creta, afortunada estancia,
«a terra que mais amo, ilha da minha infancia,
«vai dar-te em fim repouso. Ali, os hymeneus
«teceremos; ali, de egregios filhos meus,
«que todos reinarão, serás mãe.»—

Seguiu mudo.

Era immensa a promessa; o fado cumpriu tudo.

Já Creta se descobre. Aportam. O animal
desapparece; é Jove. O cinto virginal

deslaça á casta Europa. O leito do noivado
pelas Horas gentis lhes fôra preparado.

A donzella foi mãe; e ao terno Jove seu
com filhos de alta fama o nome engrandeccu.

Rio de Janeiro
Entre Janeiro e Junho
de 1855

XXVI

A INVENÇÃO DOS JARDINS

(Imitação de Gessner)

Do inverno embora os rigores
nos tenham no lar captivos;
aqui mesmo, ó meus amôres,
te posso eu dar redivivos
gostos da quadra das flores.

Sim, flores tenho; colhi-as
do campo entre as alegrias
em cada bella estação,
para t'as dar n'estes dias,
deusa do meu coração.

Tenho-as n'alma enthesoiradas;
vou-te mostrar as mais bellas,
a ver se d'ellas te agradas;
se me sorris ao vê-las,
sorrir-me hão mil boas fadas.

Ellas me inspirem, que intento
dos jardins o fausto invento
em singelo canto expor.
Um jardim é monumento
que recorda e inspira amor.

I

—«Foi aqui mesmo, á tremula
sombra do olmeiro,
—dizia o pastor Lícidas—
aqui, aqui,
que eu hontem n'estes labios
tive o primeiro
beijo da minha Flérída,
e endoideci.

¿Recordas-te? o crepusculo
vinha cahindo;
chilrava o bando alígero
hora d'amor;
todo era affecto e jubilo
teu gesto lindo;
todo eu desejos sôfregos
e interno ardor.

Co'o braço, ao peito trémulo
eu te cingia,
vendo em teu seio candido
teu suspirar.
Este feliz silencio,
nada o rompia;
eram suaves lagrimas
o meu falar.

Da mão nevada e languida
cái-te o cajado;
cái-te o rosto, qual lírio
pendido a mim;
e de anciosos anhéritos
intercortado
te saí dos labios—«Amo-te;
«amo-te; sim.

«Amei sempre o meu Lícidas;
 «vós, arvoredos,
«musgosas fontes rusticas,
 «vós lh'o dizei.
«Flores, depositarias
 «dos meus segredos,
«¡com quantos choros intimos
 «vos não reguei!» —

¡Oh! ¡que alvorôço, que extase
 me endeusava,
ouvindo á minha Flérída
 tal confissão!
Amor em mim a subitas
 vasou a aljava;
arde e canta delicias
 meu coração.

No auge do delirio
 turbado o pejo,
n'um turbilhão indómito
 de almo prazer,
recebo o farpão ultimo
 n'aquelle beijo...
não pedido e dulcissimo
 de endoidecer.

Tão fortunoso sitio,
 Flérída minha,
nossa terna memoria
 leve ao porvir;
como entre os ermos liquidos
 uma ilhasinha,
sempre viçoso e placido
 se veja rir.» —

II

E eis o nosso pegureiro
plantando em torno do olmeiro
verde, purpureo rosal,
monumento de um primeiro
doce beijo virginal.

Ao roliço tronco enlaça
escamonéa albi-flora,
que revestindo-o com graça
lembre candida pastora
que ao seu querido se abraça.

Cobre a terra de um relvado,
que em passeio namorado
convida a fôfo sentar;
e aos que n'elle se hão sentado,
a mais brando reclinar.

Dos valles e das collinas
congrega no seu thesoiro
mil variadas flores finas;
côr d'amethista, côr d'oiro,
brancas, azues, purpurinas.

Mas de quantas brota e gera
a fecunda primavera,
mais apreço áquellas dá,
que os amores em Cythéra
preferido haviam já:

as mimosas sensitivas,
que, por mais enamorem,
provocam as mãos lascivas,
e, depois de as provocarem,
tremem, sómem-se d'esquivas;

a violeta, que se aninha
rescendente e innocentinha
no seio da sua mãe;
o mal-me-quer, que adivinha
se ha odio, amor, ou desdem;

lirio, imagem da candura;
cecém, da ingenua pureza;
a saudade, sempre escura;
perpétua, que diz firmeza;
perfeito amor, que amor jura;

suspiro, em que alma suspira;
pallida flor, que o ceo gira
sempre atrás do esquivo sol;
boa noite, que respira
delicias co'o rouxinol.

E após estas, ¡mal presumes
que de symbolicas flores
ali juntou em cardumes!
¿E quaes não falam de amores
no idioma de seus perfumes?

Então, invocando a Aurora,
Lua, Sol, Zephyro, Flora,
e sobre tudo esse deus
que n'um beijo a quem o adora
verte mil favos dos seus,

desvia o curso trilhado
de clara fonte vizinha;
leito de cannas bordado
sua agua azul encaminha
em redor do verde prado.

E n'arte nova já mestre,
por que dente ou pé silvestre
lhe não entre ao seu jardim,
com um cômorô campestre
de espinhos o cerca alfim.

Quando a amavel pegureira
de Maio em fresca alvorada
veio ao sitio a vez primeira,
n'esta canção de enlevada
soltou a voz feiticeira:

—¡Salve, frondente abóbada,
salve, calado olmeiro,
vós, testemunhas unicas
do beijo meu primeiro!

¡Salve, florinhas simples,
que em dita me igualais;
lindas sem artificios,
felizes sem rivaes;

e tu, regato esplendido,
onde com tanto gosto
por entre ramas trémulas
miro n'um ceo meu rosto!

¡Medrae! ¡flori! ¡conceda-vos
amor, por seu condão,
quaes sois em tudo elysios,
elysia duração!

Rolinhas melancolicas,
¿onde ha verdor entre aguas
que expire melhor balsamo
para amorosas maguas?

Do meu olmeiro os pincaros
chamar por vós sentis,
pombas, do coche idálio
brancos frisões gentis?

Vinde, aprazíveis hóspedes,
que arrulhos de ternura
são consonancia aos frémitos
das aguas e verdura.

De ramo em ramo os passaros
võem cantando amor;
as borboletas gosem-n-o
tremendo em cada flor.

Vem, Lícidas... vem, Lícidas...
corôa os meus desejos;
se é tal de um beijo o premio,
que não farão mil beijos!» —

III

Co'o bem fadar d'esta fada,
ao olmo, ao regato, ás flores,
tudo na ilhota encantada
foi medrando; e vós, amores,
crescendo em cada alvorada.

Foi assim, que o mundo infante
viu nascer de um beijo amante
o primeiro jardim seu.
Prouve o exemplo; arte elegante
o adoptou, o engrandeceu.

Foi a mais e mais o luxo:
fez-se o marmore alvas nymphas;

fez-se obeliscos o buxo ;
rebentam, floream lymphas
em prismático repuxo.

Vítreos palacios de cores
juntam atónitas flores
das mais longes regiões ;
em harpas sem tocadores
veem cantar as virações.

Feras, aves dos dois mundos,
presas rugem, cantam, pulam ;
vive Ecco em antros profundos ;
selvas que um lago circulam,
conteem mysterios jocundos.

¡Oh! sim; mas esta jactancia,
esta pomposa elegancia,
¡quão menos ás almas diz,
que a paz, a sombra, a fragrancia
d'aquella ilhota feliz!

¡Que vezes amantes pares
de singelos camponeses
avistando esses logares,
ou, lá de longe, que vezes
sentindo-lhe os brandos ares,

suspendendo o frouxo passo,
ficaram, por longo espaço,
suspirosos, em mudez,
e ella d'elle ao seio o braco
apertou com languidez !

E disse:—Vamos fugindo ;
cansada talvez da selva

jaz Diana ali dormindo...
ou á sombra n'essa relva
meditam virgens do Pindo.—

—Enganas-te—elle dizia:—
o coração me annuncia
que ali deve de habitar,
a que só encantos cria:
mãe de amor, filha do mar.—

Ponta Delgada
1849

XXVII

A PRIMAVERA NO MAR

A presente lyrica é traduzida do dinamarquez de Paulo Møeller que a deu sob o titulo de *Glaede over Danmark* (Delicias da Dinamarca). O traductor entende que no ir offerecendo aos estudiosos boas amostras de uma Poesia do extremo norte, muito formosa, muito original, e entre nós totalmente desconhecida, algum serviço faz, ao qual um dia se dará louvor:

Non audituro cineri...

Contra criticarias de critiqueiros por curiosidade ou por fadario, o futuro, a sua consciencia, o voto e o apreço dos sizudos, lhe bastam e sobram. As saturnaes da critica não hão-de durar sempre, nem hão-de durar muito...

Isto levava na frente quando, ha já hoje bastantes annos, sahia a publico pela primeira vez, esta versãosinha. Enganei-me com a minha terra; mesmo por estar n'ella é que

não fui propheta. Se já então havia praga de critiqueiros sem posses nem graça, nem decencia, nem consciencia, chilros e desenxabidos que nem havia modo de os ler, quanto mais de se lhes acudir com resposta, ¡que se não dirá dos de hoje em dia?! E pois vão as coisas de foz em fóra, ¡que se não dirá dos que surdirem da vareja d'estes para de aqui a vinte annos mais?!

Nada melhor para aperfeiçoamento das artes, que as sabias criticas nascidas do gosto, amadurecidas pelo estudo, apresentadas suavemente por mão cortez e delicada; a essas queremos nós tanto bem, quanto ás satyras javardas e lamacentas que lhes usurpam o nome, e não passam de malignidade proterva, as esconjurâmos como peste.

Já sem duvida florescem
nos dânios jardins as rosas;
já de abelhas fervorosas
surge o enxame ao novo sol;
nos vestidos arvoredos
já seus amantes segredos
canta experto o rouxinol.

Co'o seu poldro a egua ufana
volve a pisar o enflorado
pasto espesso, que ensinado
já lhe fôra por seus paes;
do zagal as mãos afoitas
catam nas sarças das moitas
seus dulcissimos coraes.

Cá, nas brenhas movediças
d'estes mares rugidores,
não ha canticos nem flores.
não ha perfumes no ar ;
só em roda do navio
se ouve o bando inerte e frio
das baleias resfolgar.

Mudos passaros revôam
sobre o túmido elemento,
em procura do alimento
que aos mergulhos vão colher.
Eis as scenas deleitosas,
que entre as ondas revoltosas
gera a quadra do prazer.

Vós, que estais em nossa Dânia,
pensareis, fieis amigos,
no viajante, que entre p'rigos
longa ausencia anda a carpir,
sonha patria, flores, bellas...
e desperta aos sons das vélas,
do bravo sul ao rugir?!

Onde quer que a prôa incerta
nos conduza errante acaso,
quer na aurora, quer no occaso,
sempre é *Sund* aos olhos meus;
Dânia vejo em quaesquer praias;
qualquer bosque é suas faias,
a quem digo um longo adeus.

Chego ás vinhas de Constança;
quadro ameno a dor me brota:
da alameda de Carlota
cuido as sombras divisar.

¡Sempre a doce patria minha!...
¡sempre os socios que eu lá tinha!...
¡sempre...e sempre os ceos e o mar!..

¡Patria! ¡oh patria! ¡quanto é duro,
eu, que vivo a suspirar-te,
ouvir barbara chamar-te
por mais barbaras nações,
e por nescios faladores
ver trocados teus louvores
em motejos, em baldões!

Os chatins da vil Manilha,
Indios meio e meio Hispanos,
feros Jaus, com oiro ufanos,
'té o aquatico Hollandez,
te chamam pobre e mesquinha.
¡Ah! ¡na pobre patria minha
quem já me dera outra vez!

Em seu rico manto envôlto
o Oriental a gosos dado
entre leques reclinado
em vão procura frescor;
com seu café se regala,
e o cachimbo em torno exhala
seu narcótico vapor;

mas seus passaros são mudos;
são sem cheiro as suas flores;
sem amor são seus amores;
seus prazeres sem prazer;
são imagens de delicias,
arremedos de caricias,
falsas copias do viver.

¿Podes tu, pobre ricaço,
comprar, co'o oiro em que brilhas,
um amor como o das filhas
do meu saudoso paiz?
¿uma aragem fresca e branda,
como o vasto mar lh'as manda,
tão cheirosas, tão subtis ?

¿um arvoredado aprazível,
como é de Tula a floresta ?
¿um prado para uma sésta
dormida no trevo em flor?
Bens da minha Dinamarca,
os thesoiros de um monarcha
junto a vós não teem valor.

Lá, divisa-se a ventura
no aldeão mais indigente:
tem um rosto intelligente,
tem um braço varonil;
transbordam-lhe o tarro e a eira;
se abana a sua maceira,
chovem-lhe os frutos aos mil.

A sua vacca ociosa
pasce enterrada nas hervas.
Terra feliz, tu conservas
toda a benção do teu Deus.
Se o pão negro dá valentes,
que o digam da Europa as gentes
aos pés dos Normandos teus.

O Sultão, entre columnas,
sobre cochins de escarlata,
oiça do eunuco a volata,
veja seios nus pular;

não se move; inerte e frio,
é qual idolo vasio,
entre aromas sobre altar.

Sob as faias verdiclaras,
espreitado só da lua,
passeia co'a noiva sua
o amante dinamarquez;
o cisne lhe argenta o lago;
rouxinol occulto e vago
quebra da noite a mudez.

Se a isto chamais pobreza,
homens pavões lá da aurora,
chamae-lhe pobreza embora;
amo a pobreza feliz.
;Oh pão negro! ;oh primavera!
;oh Dania, quem me lá dera!
;oh meu paiz, meu paiz!

Março de 1845

XXVIII

A CONSTANCIA ALDEAN

(Com musica de M.^{ME} Rosier)

¿Viste o fidalguinho,
tão dado e tão franco,
veneras ao peito,
sombreirinho branco,

como andou co'as moças
a rir e a folgar,
no dia da festa
do nosso lugar?

¿Vistel'-o, Thereza?
¿Lembras-te, Luiza?
¿Reparaste, Rosa?
¿Deste fé, Maria?

Pois sabei vós todas,
que aquelle alfenim
se perde e se mata
d'amores por mim.

A' Missa da festa
primeiro nos vimos;
ao beijar se os padres,
olhou-me ... e sorrimos.

A' porta da egreja,
n'aquelle apertão,
o lenço que eu tinha
trocou-m'o na mão

por este de seda
de trinta mil cores,
que cheira a dois cheiros:
a rosas, e amores.

Quem me dá taes prendas,
e uns risos assim,
bem mostra que morre
d'amores por mim.

¡Nas dansas do adro,
que apertos de dedos!...
¡Nos jogos de prendas,
que lindos segredos!

Sabei, ¡mas caluda!...
sabei que é Marquez.
¡E então que promessas
que o trasgo me fez!

Vou ser Marquezinha;
vou ter traquitana;
dansen vamos juntos
a cracoviana;

Trajar oiro e rendas,
velludo e setim;
dar-me-ha quanto eu queira,
pois morre por mim.

! Ai dor ! ;finda a sésta !
Marqueza mofina !
Tornemos á ceifa,
que toca a buzina.

Co'os mais cegadores
Chrispim lá vem já...
Ninguem tal lhe conte
que endoidecerá.

;Olhae o seu coche !...
Lá chega...;que lindo !...
;Lá passa !...;Que monstro!...
com outra vai rindo !

Pois hei-de vingar-me:
;onde está Chrispim ?
Este sim, que estala
d'amores por mim.

Ponta Delgada
1848

XXIX

O RAPAZ DOS BURROS

(Com musica do Snr. Angelo Frondoni)

Aquella de verde,
que vai no meu russo,
que tem pela cara
sombriinhas de buço,

;sempre é forte franga!
;Nunca vi tal flor!
Vou-me aqui suando
de sêde e de amor.

Toca os teus, Canhoto,
bota-os para a estrada;
arre, burros, burros,
vamos para Almada.

Se aquella mãosinha
pagasse um almude,
levava-o de um sorvo
á sua saude.

;Que bôca de risos!
;Que modo jingão!
;Que olhinhos tão gaios!
;Ai meu coração!

Levo uma princeza
para a mascarada;
arre, burros, burros,
vamos para Almada.

Por lhe dar um chôxo
em cima do buço,
dava a véstia nova,
dava mesmo o russo;

só não dava as calças;
não dava, nem dou;
que n'este joelho
seu pé se estribou.

Vou aqui, vou morto,
morri de facada;
arre burros, burros,
vamos para Almada.

Não olha, não ouve,
por mais que me esturro,
correndo e gritando
arre, burro, burro.

Pois pico-lhe o russo,
pois faço-a estender,
só por ver-lhe as ligas,
e depois... morrer.

Fica atrás, Canhoto,
vá de galopada;
arre, burros, burros,
vamos para Almada.

Ha mais de dois annos
que sou burriqueiro,
nunca vi corpinho
tão bom cavalleiro.

Com trote, pinotes,
e coice a zunir,
nem quer que a segurem,
nem sabe cahir.

Nas calças ao menos
quero outra pégáda.
Parae, burros, burros,
chegámos a Almada.

Ponta Delgada
1848

XXX

CARTA ¹

AO

DIRECTOR DO PERIODICO LISBONENSE

A SEMANA ²

SUPPOSTA HAVER-SE-LHE ENVIADO DO PORTO COM A FIRMA

I. I. M. P. DE A. E. S.

PUBLICADA NO MESMO SEMANARIO

FM

14 DE FEVEREIRO DE 1851

Snr. Redactor da Semana:—Ha muito tempo que não lia periodicos, porque tinha feito voto de passar, com santidade de ermitão, o resto dos meus dias na minha thebaida do Porto. Mas veio a *Semana* tirar-me do meu serio. Supponho que algum diabrete, d'estes que não deixam os monges estar quietos, envergando a sobrecasaca e arremedando as feições e fala de um meu amigo, que ainda anda perdido por esse mundo, me veio tentar com o vosso programma. (O ermitão é dos que aceitam a proposta do tratamento de vós, ainda que não tem muito com quem

¹ De A. F. de Castilho.

² A. da Silva Tullio.

converse.) Assignei pois para a *Semana*, tenho-a lido, e declaro-vos que me agrada. A prova é, que, não tendo eu nunca dado para a *Imprensa* nem um til, nem uma charada, nem um necrologio, em summa, não tendo, por essa parte, o diabo por onde me arme carrapata (nem de venialidade) vieram-me pela primeira vez aos sessenta e dois annos feitos e desfeitos, titilações de ver ideias minhas em tinta de breu, e expôl-as aos fogachos dos snrs. folhetinistas.

Remetto-vos pois, como que a tentar vau, essa imitação que fiz de um apologo de Bailly, que não sei se é bom se mau poeta; esses senhores d'ahi que o decidam. Se a imprimirdes, signal é de que vos não desagradou; n'esse caso continuarei a enviar-vos mais alguma parte do recheio dos meus dois gavetões de ineditos, *delicta juventutis*; aliás, ficâmos amigos como d'antes, que nunca nos vimos, nem nos conhecemos; nem vós tereis perdido coisa alguma, nem eu.

Pelo que toca a janotas, posto haja n'esta cidade um botequim, que dizem ser hoje de mais tom que os de Lisboa; um theatro, que de certo não é peor que essa sanzala lyrica da Capital; e um chuveiro de bailes de mascararas, sem falar nos mascarados de todo o anno, que não bailam, confesso-vos, com a minha sinceridade de roupeta encanecido, que ainda não cahi bem, no que tal nome de *janota* signifique. O meu amigo, que me veio tentar com o vosso programma, ou o diabo por elle, pedindo-lhe eu a definição e etymologia de tão esquipatico termo, que a mim me parecia quadrar melhor que a nenhuma

outra cousa, a um gebo, a um jarreta, a um cepo, a um tartaruga, a um chorina como eu, me disse: que janota designava hoje o que em diversos tempos se chamára: peralvilho, taul, petimètre, casquilho, pimpão, peralta, quebra-esquinas, namorador, coraçãozinho de alcorce, cavalheiro servente, chichisbeo, maricas, espanadinho, alfanado, cãozinho de regaço, almiscarado, menino, meninó, frança, francelho, faceira, loireiro, loiraça, amoladinho, pintalegrete, maricas macha, neutrinho, perna-teza, trasgo, bule-bule, boneco enfeitado, etc., etc., etc.

Se assim é, vou atirar já para o monte o meu busca-pés. Se fosse elle á busca de cabeças, não vos pedira que o espediçassem.

¿A vossa correspondente do congresso das modas morreu? Terei pena, que engraçava com ella. Se não fossem os meus sessenta passados, havia de começar a galanteal a, mesmo no vosso jornal. Perguntae-lhe vós se ella é pelos janotas, ou se gosta de velhos sizudos, mas que ainda não teem o coração desgastado — (eu bem sei porque o pergunto.)

Até mais.

Porto, 14 de Fevereiro de 1851.

Vosso, como ella, constante leitor.

XXXI

AS METAMORPHOSES DO MACACO

Jacó, flor das raças monas,
e alumno de um Piemontez,
fazia, entre mil gaifonas,
coisas... que o démo não fez.

Quanto via, arremedava
por modo tão natural,
que o Piemontez lhe chamava
«Daguerreótypo animal.»

Se falasse, assombraria;
porém, mesmo sem falar,
em toda a macacaria
era um bichinho sem par.

Um dia, em certa barraca
de uma feira, onde brilhou,
com arte mais que velhaca
lustroso espelho empalmou.

Viu-se, e pasmou.—«!Que diabo!!
«pois eu tenho a cara assim?!
«O' bruxas, de mim dae cabo,
«ou condoei-vos de mim.

«Machuchas mestras de tretas,
«se cabe em vós pio dó,
«deixae-me o don das caretas;
«no mais, transformae Jacó.»—

Bruxinha de genio gaio
despachou-lhe a petição:
;Eis o mono papagaio!
;eis nova consumição!

—«O meu falar é mui rico;
«quanto ás pennas guapo estou.
«;Mas este bico!... ;este bico!!
«;Quem tal ratice inventou?

«Bruxa honrada, eu t'o aconselho:
«vá nova transformação.»—
Diz, torna a encarar o espelho,
vê-se estrellado pavão.

Espaneja-se garboso;
ama-se; está como um dez.
Senão quando... ;ai desditoso!
Repara... ;que horrendos pés!

Novo rogo impertinente.
—«Por esta vez, e não mais,—
diz a velha impaciente—
«quero ceder aos teus ais.

«Do que tu mesmo approvaste
«nas tres fórmãs que te dei,
«para teu consolo baste,
«que esta final te armarei:

«Terás as visagens nicas,
«o papagaial palrar,
«do pavão as galas ricas;
«pegar no espelho! ;mirar!» —

Mira-se, exulta. Só nota
perfeições no todo seu.
Hoje chamam-lhe «janota»,
bicho incógnito a Linneu.

Lisboa
Fevereiro de 1851

XXXII

TRADUCÇÃO SINHA

DEDICADA AO MEU VIZINHO DA ESQUINA

QUE FAZ CRITICAS

Varios animaes, um dia,
estando a pataratar,
acertaram de falar
no bicho que a seda fia.

— «!Que prenda! !que habilidade!
— dizia o clamor geral,—
«!que estame tão fino e igual!
«!que lustro! !que suavidade!

«Os Reis, os deuses e as damas
«não querem d'outro trajar.»—
Lagarta velha a amolar
ouvia emtanto essas famas.

Interrompia os louvores
com *mas*, com *ses*; tanto fez,
que apanhou d'aquella vez
uma lição das melhores.

De tanta asneira já farta,
disse a raposa: — «!Não vêem?
«é que a senhora lagarta
«é fiandeira também.»—

XXXIII

ARTE DE SER FELIZ

FILHO. Meu pae, ¿haverá receita
para um homem ser feliz?

PAE. A philosophia diz,
que é ir estrada direita,

dar á patria e á humanidade
tudo quanto houver em nós.

FILHO. Foi moda de bisavós;
já não se usa em nossa idade.

PAE. Então recorrer á ronha...

FILHO. Não me posso a tal domar;
quero a fortuna apanhar
sem lidas, mas sem vergonha.

PAE. Para isso ha facil meio,
filho do meu coração;
faze-te parvo; os que o são,
são sempre os que a dão em cheio.

XXXIV

A INVENÇÃO DA AZENHA

(Traducção de um antigo epigramma grego)

Pobres moças condemnadas
em contínua, atroz fadiga,
a moer a loira espiga
que em pó alvo o pão nos dá,

d'ora ávante as alvoradas
deixae lá cantar o gallo,
que dos somnos o regalo
já ninguém vos quebrará.

Toca ás Nayades agora,
(Ceres mesma é quem lh'o envida)
libertando-vos da lida
vosso encargo preencher.

¡Vêl-as saltam na sonora
roda leve e espadanada,
cujo eixo a mó pesada
faz em vortice volver!

Volta emfim a humanidade
á suavissima existencia,
que nas eras de innocencia
disfrutavam seus avós.

A ti, próspera deidade,
que estes ocios nos conferes,
sobre o altar da meza, ó Ceres,
libaremos todos nós.

XXXV

A INVENÇÃO DO CÁLAMO

(Traducção de um antigo epigramma grego)

Colmo fui, fui planta brava,
que não dava
pomo, ou figo, ou cacho; não;
virgem, como o côro Aónio,
como a elle no Helicónio,
me encantava a solidão.

Um passante em mim repara,
pensa, pára;
uma ideia lhe inspirei:
chega, corta-me, e eu silvestre,
aparado por tal mestre,
mestre ao mundo me tornei.

Bebi lagrimas da aurora,
bebo agora
negra tinta e folgo mais;
tenho voz, eu que era mudo;
nada sei, e ensino tudo;
torno os homens immortaes

XXXVI

VERSOS

FEITOS PARA A ABERTURA DO ASYLO

DE

VIANNA DO CASTELLO

(Musica de Angelo Frondoni)

Voz

Dêem os Ceos perpétuas benções
aos que assim nos dão carinhos :
ao porvir novos caminhos
nos conduzem sem terror.

Côro

Caridade, oh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflicta
lar, sustento, ensino, amor.

Voz

Avesitas enjeitadas
esvoaçavamos perdidas ;
nossas lastimas sentidas,
acolheu-as o Senhor.

Côro

Caridade, joh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflictal,
lar, sustento, ensino, amor.

Voz

Fomos orphãos; somos filhos;
mães e paes depois seremos;
a lição que em bens colhemos,
vai ser de outros em favor.

Côro

Caridade, joh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflictal,
lar, sustento, ensino, amor.

Voz

Ser pobre, innocente e infante,
diz que são tres c'rôas bellas;
era espinhos uma d'ellas;
nem já essa está sem flor.

Côro

Caridade, joh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflictal,
lar, sustento, ensino, amor.

Voz

Das lições que recebemos
n'este asylo da orphandade,
é a amavel caridade
a lição de mais valor.

Côro

Caridade, oh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflicta
lar, sustento, ensino, amor!

Lisboa — 1856 (?)

XXXVII

CANTIGA

DE

GIRALDO SEM-PAVOR A' MOIRA

FILHA DO GUARDADOR DA TORRE DE EYORA ¹

Viva Allah, foi meu padre um bom Moiro;
Moira madre me deu de mamar;
Moira fada fadou-me um thesoiro;
Moira virgem m'o tem de entregar.

Honra a Allah, que o porvir nos decreta
quando os olhos abrimos á luz.
Tu és gloria aos fieis do Propheta,
eu horror aos de Affonso e da Cruz.

Manda Allah que eu te colha a meus laços,
Phenix rara, em teu proprio jardim,
e que só ao sentir te em meus braços,
virgem Moira, os meus males dêem fim.

Voto a Allah, meu laúde cançado,
se consigo esta flor das huris,
que has de em Meca pender marchetado
d'ouro e perlas, de prata e rubis.

¹ Dos Quadros historicos de Portugal.

Allah bom, Allah forte, Allah grande,
lá do setimo Ceo me oiça já;
e um pelo outro a descanso nos mande
cedo, ó virgem mimosa d'Allah.

XXXV^{II}

A TOMADA DE COIMBRA ¹

(XÁCARA)

I

Caminhavam frades bentos
do mosteiro de Lorvão,
quando acharam Dom Fernando
no meio de Carrião:
era Dom Fernando o Rei,
e seu reino era Leão.

— «D. Fernando, D. Fernando,
«novas de consolação!
«cavalleiros não nos oiçam;
«manda sahir quantos são.
«Deus te nos manda dizer
«que tens Coimbra na mão.

«Descuidados estão Moiros
«do poderio christão;
«d'elles o havemos sabido
«por sua conversação,
«quando nos veem de Coimbra
«a montar em Lorvão.

¹ Dos *Quadros historicos de Portugal*.
VOL. XXII

«Fingimos uma romagem
«por livrar de suspeição,
«e viemos dar-te aviso,
«gran Rei, senhor de Leão.
«Manda logo fazer prestes
«todo o ginete e peão.» —

Como tres mezes passaram,
era por Janeiro então,
el-Rei é sobre Coimbra,
e os de dentro em confusão;
mas val o muro á cidade,
que é mui boa defensão.

Em que traz muitos vassallos
de caldeira e de pendão,
em que traz o Cid Ruy Dias
mais forte que quantos são,
não acaba de a tomar,
sete mezes já lá vão.

II

Já do cêrco de Coimbra
se quer el-Rei abalar,
por ser a cidade forte,
que não n-a póde tomar,
e á gente que traz consigo
falta com que a sustentar.

Mil triste, mil assombrado,
vê-se Lorrvão todo estar;
temem-se os frades dos Moiros,
mal que el-Rei os descercar.
Tocam sinos no mosteiro,
vão-se os monges ajuntar.

Chorosos dão despedidas
ao seu côro e ao seu altar,
às cellas e sepulturas,
aos troncos do seu pomar,
aos montes dos arredores,
às pedras, também ao ar.

Cruz alçada se partiam,
sem ousarem de se olhar,
que aquelles sinos que sôam
não se ouvirão mais soar;
vão cantando *Miserere*;
mui de dentro é seu cantar.

Era el-Rei em Almafala;
lá lhe foram entregar
quanto havia no mosteiro,
sem nada ali lhe faltar,
bois, cabras, porcos, ovelhas,
que se não podem contar;

pão e vinho sem medida
de sua eira e lagar,
legumes das hortas grandes,
frutas do rico pomar,
coisas todas que de muito
tinham andado a ajuntar.

Tudo el-Rei lhe agradecia
com amor mui singular,
e orações lhe encommendava
para a victoria alcançar;
e vendo a gente abastada,
continuou de cercar.

III

A' casa de Santiago
em devota romaria
chegára um Bispo de Grecia,
Astiano se dizia,
que ouviu contar das batalhas
em que o Santo apparecia.

Dado que fosse este Bispo,
bom o mais que ser podia,
disse aos romeiros: — «Senhores,
«tenho essa fé por sandia;
«pescador foi Santiago,
«nanja de cavallaria.» —

Recolhido á sua cama,
o Santo lhe apparecia,
armado de ponto em branco,
com mui muita galhardia,
e duas chaves doiradas
que na sua mão trazia.

— «As chaves são de Coimbra,
«onde o Senhor Deus me envia;
«vou me abrir a Dom Fernando
«as portas da Moiraria,
«ámanhan terei lá Missa,
«que é ámanhan o meu dia.

«Fui pescador algum tempo,
«mas sou guerreiro á porfia,
«açoite de Sarracenos,
«escudo da Monarchia;
«quantos se a mim soccorrerem,
«teem certa a minha valia.» —

Dizendo aquestas palavras
n'um cavallo se assubia
fanfarrão e corpolento,
alvo, de gran bizzarria;
deu de esporas, largou rédeas,
logo desaparecia.

IV

Vinte e cinco são de Julho,
dia de grande prazer;
lá na Sé de Compostella
vai festa mui para ver,
que é dia de Santiago,
Santo de grande poder.

Orando estão peregrinos
lhes queira sempre valer;
mas Santiago está longe,
que a outros foi soccorrer;
batalham Christãos e Moiros
batalha de gran temer.

Aguas claras do Mondego
já se vêem sangue correr,
portas altas de Almedina
não se vêem estremecer;
pelo muro da Coiraça
anda a batalha a ferver.

Cercadores e cercados
todos votam não ceder,
mas é mais a gente moira,
da que se pôde vencer;
tem lá mulheres e filhos;
¿quem n-a haverá de render?

Morrei, martyres de Christo,
que vos não podeis valer;
foge, foge, Dom Fernando,
se não queres perecer;
foge, que os teus cavalleiros
já fogem de arremetter.

A lua á tarde, em nascendo,
tristes coisas ha-de ver;
mal ousará n'estas veigas,
tão suas, resplandecer;
¡Christãos em lagos de sangue,
quaes mortos, quaes a morrer!

V

— «¡Santiago, Santiago!
—soa por todo o arraial,—
«¡salvação aos Leonezes,
«e á gente de Portugal!» —
Vêl-o campeia esgrimindo
sobre um cavallo Real!

¡Santiago, Santiago!
¡vêde o rosto angelical!
¡vêde as armas que reluzem,
como se fôram crystal!
a côr leite do cavallo,
nunca se viu outra equal.

Opa da côr do martyrio,
que lhe vem mui natural,
bordada de oiro mui fino,
que é das virtudes, não d'al,
barrada de pedraria
de lustre celestial;

seu olhar como de estrellas
mui sereno e imperial;
co'a lança de largo ferro
acena a todo o arraial,
e arremette contra a porta,
que nada contra elle val.

Aberta jaz a cidade
pela porta principal;
o cavalleiro remonta
á Patria celestial;
o Rei, co'as chaves em punho,
entrou co'os seus em geral.

Christãos, ganhastes Coimbra,
mais que joia oriental;
mais tu, Coimbra, ganhaste,
que tens fonte baptismal,
e a tua mesquita grande
verás logo em cathedral.

Dar meia cidade aos monges
queria o Rei liberal,
mas os monges só quizeram
uma casa monacal,
contentes com Lorvão santo,
seu paraizo terreal.

Foi-se el Rei a Compostella
com sua gente leal.
De atabales e trombetas
sôa estrondo festival;
abrem-se as portas do templo
bem armado e triumphal.

Todos co'o joelho em terra,
como cumpre em caso tal,
diziam de agradecidos
ao valedor immortal:
—«Santiago, Santiago,
«salvaste o nosso arraial;
«salva sempre os Leonezes,
«e a gente de Portugal.»—

XXXIX

VERSOS

NO

PAVILHÃO MANDADO ARMAR NO CAES DO TERREIRO DO PAÇO

PELA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PARA O

FESTIVO DESEMBARQUE DE SUA MAJESTADE

A SENHORA DONA MARIA PIA DE SABOYA

Do lado do mar

Da bella Italia Estrella Soberana,
sejas bemvinda á praia Lusitana !

Do lado da terra

Filha de Reis Heroes, de Reis Heroes Origem,
em nova Italia os Ceos throno de amor te erigem.

Lisboa, Outubro de 1862.

XL

INSCRIPÇÕES

NO

ARCO TRIUMPHAL ERECTO NA RUA DIREITA DO SACRAMENTO

PARA SOLEMNISAÇÃO DO REAL CONSORCIO

EM 6 DE OUTUBRO DE 1862

Dê um lado

Filha, copia e brasão de uma Rainha Santa,
que, entre anjos lá do Empyrio, ao teu amor sorri,
por arcos triumphaes que o Povo te levanta,
ao solio ascende. O solio altar lhe é já por ti.

Do outro

Os seraphins do amor em torno á Majestade
cantem da Italia ao Anjo hosanas triumphaes;
aqui se abraça ao pobre a santa caridade,
que no geral festim não quer se escutem ais.

XLI

O AMOR

IMITADO DO HESPAÑHOL

DE

D. RODRIGO COTA

(Foi posto em musica pela Snr.^a D. Carolina Smith Rozier)

Vista cega, luz escura;
gloria triste, e morte em vida;
na ventura a desventura;
ocio duro, e branda lida;

chôro alegre, incerto riso;
mel que amarga, e fel gostoso;
um martyrio em paraizo;
n'um inferno o maior goso;

confusão de paz e guerra;
bem supremo, e summo horror;
eis o pae, o algoz da terra,
o demonio, o deus: o Amor.

Lisboa 1849

XLII

VERSOS

CANTADOS NA COMEDIA

O CAVALLEIRO DE S. JORGE

REPRESENTADA

NO THEATRO DAS LARANJEIRAS EM 1847

POUCO TEMPO DEPOIS NO DE DONA MARIA SEGUNDA

E EM 1855 NO DE S. JOÃO DO PORTO

INTROITO DO ACTO I

Côro dos monteiros

¡Lá vai á saude das nossas proezas!
¡tremei, ó veados, por essas devezas!
que Baccho fervente, que as bravas matilhas,
em postas e astilhas vos vão lacerar.

Carregue, carregue, não seja mesquinho,
as armas de balas, o peito de vinho,
quem tenta brioso co'as feras brigar.

Côro de caçadores e monteiros

¡Viva amor, viva a folia!
¡quem o mundo soffreria
semsabor,
sem folia, e sem amor?

Côro de caçadores e monteiros

Lá sôa a busina
que os peitos inflamma.
A' caça nos chama
seu riço clamor.

Corceis relinchando,
sabujos ladrando,
me estão redobrando
mavórcio furor.

Côro de caçadores

Toca, toca, bom monteiro;
trombeteiro,
canta, canta a nossa gloria;
da victoria
canta o hymno ao vencedor.

DO ACTO II

Côro de cavalheiros e damas

Nuncio de mago jubilo,
de encanto festival,
sôa do baile esplendido
o vívido signal.

Da bella em torno agite-se
cardume admirador,
como os desejos sôfregos
em torno á mãe d'amor.

Côro de damas e cavalheiros

¡Que doce melodia!
¡que assombros de harmonia!
¡que estylo! ¡que poesia!
¡que amor! ¡que triumphar!

Italia, Italia, ó fada
dos musicos prestigios,
da França hoje os prodigios
bem podes invejar.

Côro de damas e cavalheiros

¡Que bella companhia!
¡folia e mais folia!
dansar, dansar, dansar,
é um prazer sem par.

Cantiga creoula do preto

Vi nascer florinha branca,
e eu não tinha a sua côr;
vi-a sorrir me alva e franca,
não lhe pude rir de amor.

Ceguei-me na sua alvura,
respirei-a e endoideci...
Adeus, florinha alva e pura,
vou morrer longe de ti.

Se o teu preto, o teu captivo,
te lembrar alguma vez,
pelos ais que te deu vivo,
morto, é bem que um ai lhe dê.

¡Que sonhos que eu tinha
de tanto prazer!...
adeus, jáiásinha,
perder-te é morrer.

XLIII

O ALMANACK DE LEMBRANÇAS

Esta obrinha, tão popular e bemquista desde a sua primeira apparição em 1851, conta já hoje os seus treze volumes, e dá todos os signaes de boa vida para largos annos; joxalá que lhe não saiam fallidos! É um repositoriosinho encyclopedico tão util como agradável, e um estímulo permanente ao gôsto da leitura; louvor não pequeno, se bem se repara na séria utilidade que se deve esperar para o nosso Povo de o afazer e afeiçoar a occupações intellectuaes.

Boas escolas elementares por toda a parte, gratuitas e obrigatorias, e logo depois, ou a par, abundancia de opusculos que se deixem ler, e que vão a pouco e pouco desbastando a ignorancia, e com ella a impericia, a perguiça, e a immoralidade, eis o grave ponto a que devem tender hoje em dia as diligencias de todos os homens de alma e coração, illustrados, liberaes, e progressivos. Em civilisar o Povo é que está a primeira politica, a sincera, a boa, a digna d'este seculo.

Pelo menos assim o acreditava, e assim o repetia nos seus prologos e nas suas conver-

sações, o autor do *Almanack de Lembranças*; e assim o entendia também eu, que, ao mesmo tempo que elle dava annualmente aos milhares e milhares estas faceis leituras para toda a gente, me cansava sem descansar para que o ensino primario se facilitasse por todos os modos, e se convertesse de se-vicia estéril em amenidade proveitosa.

Lidou elle até ao seu derradeiro bocejo, literalmente falando, no cumprimento do seu empenho, e deixou-o por sua morte re-commendado como testemunho de affecto patriotico a quem podia succeder-lhe. Eu, por minha parte, ainda também não desani-meí na minha tarefa, se bem que muito mais espinhosa, e incomparavelmente mais contrariada do que a sua.

Na contumacia do amor ao nosso Povo fize-ra-nos Deus tão irmãos, como no sangue.

Pelo que pertence ao titulo *Almanack de Lembranças*, claramente o explicou o autor no prefacio do seu primeiro volume.

Duas rasões o induziram a chamar-lhe assim: a primeira foi, o conterem-se n'aquellas paginas muitas noções de prestimo, que importava andarem presentes aos que não cultivam de proposito as sciencias; a segunda era que, levando cada urna d'essas paginas a parte inferior em branco, ou devoluto, o leitor curioso fosse ahi registando de dia a dia os apontamentos do que houvesse feito e pensado, ou do que tivesse para fazer; do que, lhe adviria porventura algum proveito, e de mais de um genero. Ficava sendo para cada qual um livrinho particular de saudades gostosas, de arrependimentos instructi-

vos, uns fastos do coração, um annuario economico, historico, encyclopedico, e intimo; era metter a caminho pratico aquella ideia tão convictamente proposta pelo sabio educador Marco Antonio Jullien, chamado *de Paris*.

Nos primeiros dois annos ainda o *Almanack de Lembranças* sahiu com este seu album convidativo; mas, convencido logo pela experiencia, de que ninguem semeava para si n'aquelle campinho a todos franco, passou a occupal-o de ahi ávante com a sua propria lavra, consciencioso systema em que ainda se conserva.

Logo direi o para que trago tudo isto; agora permitta-se-me fazer uma dolorosa interrupção.

Aqui está o que eu lançava nas primeiras paginas do duodecimo tomo do *Almanack de Lembranças*: (*Outono é quadra de folhas cahidas; não lhe destoam estas memorias.*)

«Levava-lhe eu tres annos de dianteira na vida, e aqui estou agora registando o seu nome no livro das lembranças do passado; n'este proprio livro, que elle fundára com tanto amor para sua filha, e que a ambos sobreviveu. ¡Que de lutos! ¡e quão pesados! ¡Em menos de um anno! Sobrinha, irmão, e mãe! A mais nova, anjo de dezoito primaveras, partiu primeiro, a 20 de Maio.¹

N'esse mez tambem, a 23, o pae com cinquenta e seis annos.

A 1 de Agosto, finalmente, nossa pobre mãe, com oitenta e seis.

!A morte a escarnecer dos calculos e confianças da idade!

Agora, que pela duodecima vez saí á luz este opusculo, annual como as saudades, com quem a tantos respeitos se apparenta, pediu-me o coração lhe tomasse alguma pagina para depositar n'ella entre flores e lagrimas a memoria do que até hontem o escrevia, tão amavel e tão popular.

Não lhe faço a biographia; menos o elogio funebre. Biographia não, que me doêra muito renovar por miudo, ainda que o podesse, todos os successos de uma existencia devolvida por cima de mais espinhos que relvados; elogio funebre ainda menos, porque onde é verdadeiro o sentimento, mal cabem pompas de eloquencia.

Conversarei apenas dois instantes com os leitores ácerca do espirito e da indole d'este homem, a quem eu quiz como irmão a irmão, e elles todos como bons amigos a bom amigo. Os que bem o conheceram, confessarão que me não illudem vaidades do parentesco, nem preoccupações do bemquerer.

Era o nosso Alexandre um d'aquelles pouquissimos homens que a Natureza temperou por egual do positivo e do phantasioso, de entendimento e de poesia; semelhante, se me é licito dizel-o, a certas montanhas, que em diversas alturas inculcam estações diversas, aqui floridas, ali frutiferas, depois espinhosas, mais acima nubladas e scismadoras; com amenidades nos reconcavos assoalhados, com trevas e eccos nas cavernas, com thesoiros e mananciaes nas entranhas.

Quem o via tão pontual em suas variadis-

simas e innumeraveis occupações, dando razão tão cabal de cada uma, como se essa unica o absorvesse, nunca poderia suspeitar, se o não visse, que ao sahir d'ali apparecia egualmente completo e exclusivo, não só nos ocios da familia, que são ainda occupações, e as melhores de todas, mas nas palestras literarias, em que elle como ninguem amenisava o saber, nas conversações leves e fortuitas das salas, dos bailes, dos theatros e dos passeios; creança com as creanças, com os mancebos mancebo, grave e de conselho com os anciãos.

Não se abalisava o seu espirito (deve-se dizer tudo) por uma grande profundez scientifica, se bem houvesse cursado as sciencias com aproveitamento, e até lustre; o seu talento era alado; ora abelha, ora borboleta: borboleta, sahia de fiar cazulo de seda, para beber ar alegre e raios do sol, boiando entre terra e ceo; abelha, saltava, de trabalhar na penumbra do cortiço, para ir colhendo á tôa mel do seio de todas as flores. A sua philosophia, philosophia sem nome, consistia toda em refugir, por natural instincto, das alturas nevoentas e precipitosas da meditação sem utilidade; das cavernas e catacumbas dos cuidados sem rasão, com que o viver se encurta e se mallogra.

Inter utrumque, era a sua divisa: no uso do entendimento, no repartir e applicar dos affectos, na politica, na convivencia, na lida e no repouso, na vivenda, na meza, no trajar, no escrever, em tudo — *inter utrumque*. Se em alguma coisa sahia do seu meio termo para excesso (se excesso se pôde dizer) era

no extremo e fineza para com aquelles a quem chegára a apertar a mão como a amigos, ou com quem o sangue e o costume o enlaçavam. Nunca houve melhor filho, melhor irmão, melhor marido, nem, sobre tudo, melhor pae. Pela vida de cada uma de suas filhas daria cem vezes a sua com alvoroço, e sobreviveu a todas, e poudo parecer consolado!

Mas esse dilapidar-se do coração lá no fundo do peito, e a sós, esse chorar sob o sorriso, ou sob a serenidade do semblante, esse sacrificio contínuo de si ás exigencias do mundo e ao commodo da sociedade, foram-lhe a pouco e pouco desgastando as forças, que aos que notavam a sua actividade pareciam inexauriveis, até que deram a final na terrivel consumpção que tinha de o prostrar, destruir, e perder para a sua familia, para os seus amigos, para a sua terra, e para as Letras.

Dois largos annos durou a sua incomportavel agonia; e quando esta palavra emprego não poderá taxar me de exagerado quem n'ella o viu e o admirou.

Sentindo claramente que a enfermidade o andava por dentro derrocando, vendo já no espelho um cadaver, sequestrado a todos os prazeres, elle que tanto lhes quizera sempre, despedindo se da luz, como pela ultima vez, a cada pôr do sol, tres coisas unicamente pareciam ainda então n'elle indestrutíveis, e floresciaam e frutificavam porque tinham a raiz na mais heroica paciencia que eu nunca vi: a benevolencia, seu *ultimum moriens*; o furor do trabalho, necessidade da

sua organização, e mais forte que ella; e o espirito ameno, quasi jovial, e que só debaixo do cipreste se podia esvaecer.

Desejava, desejava sinceramente acabar a vida para se pôr emfim ponto em dores sem allivio e sem esperança; mas á espera da hora do livramento, os seus costumados, que elle quiz ver em roda de si emquanto podesse ver alguma coisa, tiveram o espectaculo doloroso, e unico, de um homem ainda a gracejar nos transees do supplicio; a repartir-lhes consolações com que elle não ficava; com a penna a cahir-lhe já dos dedos, e a escrever ainda para os seus innumeraveis leitores, e a corrigir as provas d'este mesmo livro, que elle estava certissimo de não folhear.

Despenou-o finalmente o Pae Commum, com quem se entendia pelo amor, e em quem por isso tivera sempre a mais certa confiança; despenou-o chamando-o para si, entre muitas lagrimas de todos, pelas seis horas da manha do dia 23 de Maio.

O pouquissimo que a enfermidade deixou do seu corpo, descansa no cemiterio doAlto de S. João, para onde foi acompanhado por um séquito numeroso e visivelmente penalizado.

Se alem mundo se póde curar do que se faz cá em baixo ao espolio e ao nome que largámos, gloria accidental lhe deve ter sido no Ceo o affecto, com que tantas corôas teem cingido o seu tumulo, tantos brados da Imprensa lhe deram o sentido *vale*, e em tantissimas casas se chorou a sua partida, como de um socio que todos os annos lhes levava as boas estreias, e cujo humor sympathico, folgazão, e inoffensivo, tanto recreava

a mulheres e a homens, a meninos, a mancebos, e a edosos.

Não é só em Portugal que esta perda está magoando; é em toda a parte onde se lê e fala a nossa formosa Lingua; no Brazil sobre tudo.

Na Barra do Rio de Velhas, á frente dos homens o Dr. Luiz Francisco Otto, e das senhoras algumas das principaes damas, suffragaram em officios funebres a alma de nosso irmão e de sua filha; discursos sentidos, poesias saudosas, flores e corôas á eça, se misturaram com as orações, as lagrimas e os suspiros d'alma. Eguaes testemunhos se observavam pouco depois ali, ao saber-se do fallecimento de nossa mãe.

Eis o que a nosso irmão José Feliciano escrevia o Reverendo Parocho João Francisco da Motta :

«Communico a v. , e por sua via a todos os da sua casa, particularmente ao snr. Antonio Feliciano de Castilho, que hoje celebrei na parochia exequias funebres pelo eterno repouso da alma da snr.^a D. Domicilia Maxima de Castilho, em presença de numerosa assembleia de cavalheiros e senhoras, todos trajados de luto fechado, proferindo o nosso bom amigo o snr. Dr. Luiz Francisco Otto uma oração, que commoveu a quantos o escutaram.

«Digne-se v. aceitar e levar ao conhecimento de toda a familia Castilho a homenagem da minha pura sympathia.

«Em 27 de Setembro de 1860.—O Vigario collado, *João Francisco da Motta.*»

¡E o sr. Dr. Otto! Impressionára com uma sentida oração a escolhida assembleia que affluira a tão piedoso acto, e tres dias depois escrevia ao mesmo nosso irmão :

«¡Engano! ¡Meu nobre amigo, tão dolorosamente ferido pelo anno bissexto! ¡Engano! A mãe dos Castilhos não morreu. Refugiaveis no reino dos espiritos, que sempre lhes está aberto; sêde grande, como a vossa magoa.

«V. conhece de certo a sublime poesia do nosso Schiller :

«*Para as grandes almas ha a dor universal como orvalho consolador.*»

¡Boas e santas obras! Eis a carta com que respondemos ás damas e cavalheiros da Barra do Rio de Velhas :

«Senhoras e senhores: — Com a mais entranhada gratidão, e com o enternecimento mais profundo, nos constou que vós, lá tão longe, n'outro mundo, debaixo de outro ceo. vos reuníreis a nós em espirito na casa de Deus, para deplorar as nossas tantas, tão recentes, e tão dolorosas, orphandades do coração.

«¡Bem hajais, irmans e irmãos a quem não conheciamos, com quem nos abraçamos, e que assim viestes generosamente ajoelhar-vos a orar á sombra do nosso luto! Pagueis Deus no centuplo o bem que fizestes aos nossos queridos finados, e a nós mesmos; porque não ha melhor balsamo para estas feridas de quem sobrevive, do que as

lagrimas alheias, que nos acodem espontaneas e inesperadas.

«Eramos ainda ha pouco uma familia das mais unidas pelo amor, e que se viu tremendamente rareada a subitas. Graças a vós, sem recobrarmos, pois se não recobra cá em baixo, o que nos fugiu para o Ceo, graças a vós, repetimos, vêmol-a hoje, esta mesma familia, acrescentada de tamanho numero de parentas e parentes, quantas e quantos vós sois, senhoras e senhores.

«Não nos unia o sangue, não nos pertenciamos pela casualidade do nascimento; não nos viramos, não nos tratáramos jamais; mas a nossa dor e a vossa piedade vos fizeram nossos. Sentimos consolação, sentimos quasi orgulho com este pensamento.

«Aceitae o nosso abraço fraternal, e permiti nos assignarmo-nos

«Vossos para a vida e para a morte
—Amicissimos e obrigadissimos irmãos
e irmãos.

«Lisboa, 28 de Fevereiro de 1861.»

Firmavam esta carta as assignaturas de toda a familia.

Eguaes obsequios nos foram liberalisados por outras partes do Imperio, e designadamente na cidade de Santos, quando lá constaram as nossas perdas.

Concorreram a um *Libera me* carregados de luto todos os numerosos signatarios da mensagem que d'ali foi enviada com uma penna de oiro a nosso irmão José Feliciano

de Castilho, pelos seus patrioticos, espontaneos, e desinteressados, serviços em favor de Portugal.

Outra carta nossa ao nosso conterraneo José Joaquim de Sousa Ayrão Martins, que suppômos haver sido o promotor d'essas demonstrações, lhe testemunhava a gratidão de uma familia commovida e confusa de tantos favores.

Aos agradecidos chamavam os Romanos *lembrados*; tudo isto competia pois de direito ao *Almanack de Lembranças*.

Enthesoiron-se mais de um exemplo nobre e proveitoso.

Ao escrevermos estas linhas, uma voz interior nos diz que entrámos no coração, e secundámos as intenções, do fundador d'esta bibliothecasinha popular.

Uma noite, em 1851, conversando meu irmão Alexandre e eu ácerca do seu *Almanack de Lembranças*, cujo segundo volume se andava preparando, desejou elle que eu lhe pozesse em versos dirigidos a sua filha Emilia, depois sua collaboradora, e agora sua companheira no sepulcro, um sentimento bem paternal e bem seu, ácerca dos espaços reservados em branco para uso privativo dos leitores do seu opusculo; foi isso o que executei como intérprete na seguinte poesia, que havia de apparecer no segundo tomo, mas cujo manuscrito se extraviou na viagem de meu irmão para Paris, onde esse volume foi impresso; aqui lhe restituo agora o seu pensamento; e com isto cerrarei o meu *Outono*.

A mim me desfolham annos ;
a ti annos dobram flor ;
;que enganos e desenganos !
;que lições, meu doce amor !

Cada dia que vai findo,
gera remorso ou prazer ;
e um Deus bom, meu anjo lindo,
nol-os permite escolher.

Imita os que dia a dia
seu porvir doirando vão ;
sê de teus paes a alegria,
filha do meu coração.

Traze este livro em teu peito ;
n'elle a folha e folha tens
no escrito, bens que se hão feito ;
no branco, onde escrevas bens.

Possam no tempo vindoiro,
cara filha, os olhos teus
ver n'este livro um thesoiro,
e uma gloria os olhos meus.

FIM DO OUTONO

NOTAS

NOTAS DOS EDITORES AO «OUTONO»

NOTAS AO VOLUME I

Pag. 47, lin. 8

Chora-te, ulula, infancia.

Sua Majestade a Imperatriz, Duqueza de Bragança, era (como todos sabem) fundadora da benemerita Sociedade das casas de asylo de infancia desvalida em Lisboa. A sua grande dor de mãe, orphanada tão prematuramente nos seus amores, foi certamente muito sentida pelas centenas das suas pequeninas protegidas e pupillas, as asyladas.

Pag. 47, lin. 9

**Harpas da poesia,
dae aos eecos sem medo a lugubre canção.**

O fallecimento da Princeza D. Amelia de Bragança foi luto geral. Desde 1834 não tinha o bom Povo portuguez presenciado a invasão da morte no paço dos seus Reis. O prematuro desaparecimento da juvenil Princeza, minada desde annos por uma tysica horrorosa, amargurou a toda a gente.

Essa expressão *sem medo*, de que se serve Castilho, explica-se logo pela quadra seguinte: a pobre Mãe acha-se tão absorvida na sua indizível angustia, que nenhum receio pode haver de que o gemido das harpas ltuosas, os chóros da infancia, e o dobre dos sinos em todos os campanarios, a perturbem ou lhe acrescentem mágoa. O adjectivo *affeitos* da 2.^a quadra completa a ideia.

Pag. 47, lin 17

Quanta dor exprimís não se compara ao luto,
que os dias enoitece á misera Rachel.

Allusão ao versículo 18 do capitulo II do Evangelho de S. Matheus.

Mandou Herodes degolar os innocentes; e, depois d'esse acto brutal de crueldade, ouviu-se em Rama (ou Arimathêa), povoação proxima de Jerusalem, uma voz lamentosa, entre muitos prantos e gemidos: era Rachel chorando os seus filhinhos assassinados, e refugindo a todo o genero de consolações, visto que os perdêra para sempre.

Vox in Rama audita est, ploratus et ululatus multus: Rachel plorans filios suos; et noluit consolari, quia non sunt.

A Imperatriz, comparada aquí á misera Rachel, é um eloquente e conciso exemplo metaphórico da immensa dor que a pungia.

Pag. 47, lin. 18

Qual outr'ora e qual hoje, achou-se a mulher forte.

Recordação de certa phrase biblica dos *Proverbios* de Salomão (cap. xxxi, 10):

Mulierem fortem quis inveniet? procul et de ultimis finibus pretium ejus.

Quem será tão feliz, que possa encontrar uma mulher cheia de força de animo? A sua valia moral, o seu preço, é superior ao das pérolas trazidas de longe, lá dos ultimos confins da terra.

O animo da valorosa Imperatriz foi tão grande, que lhe consentiu resistir á perda da sua adorada filha.

Pag. 48, lin. 1

Orphan, i e de que paes !

A Duqueza de Bragança era filha do valente, honrado, e virtuoso Principe Eugenio de Beauharnais (adoptivo e eventual herdeiro do Imperador dos

Francezes Napoleão Bonaparte), e da Princeza Augusta Amelia de Baviera, filha do Rei Maximiliano.

Pag. 48, lin. 1

..... ¡Viuva e de que esposo!

Depois de enviuar da Imperatriz D. Maria Leopoldina, Archiduqueza de Austria, o senhor D. Pedro I do Brasil (Rei IV do nome em Portugal) desposou a Princeza Amelia de Beauharnais e Baviera, de quem teve uma unica filha, esta mesma infeliz Menina a quem se referem os versos *Novo Anjo*.

Pag. 48, lin. 13

..... A's auras da saude,
no semblante sem côr vê rosas refflorir.

Apenas a Princezinha, a braços desde mezes com os ultimos arrancos da tysica pulmonar, chegou ao Funchal, experimentou melhora subita na saude; melhora que, depois de alegrar a todos, desgraçadamente se não manteve.

Pag. 48, lin. 15

‘O’ no mar verde ninho! ¡ó ceo d’alma virtude!

Na recitação d’esta poesia ouvimos ao Autor uma variante a este verso:

¡O’ no mar verde ninho! ó clima virtude!

Pareceu-nos rasoavel a substituição. O *clima* da Madeira tem conhecida *virtude* medicatriz; ao passo que o adjectivo *almo alma* se confunde na desinencia do genero feminino com o substantivo *alma*, e obriga o commum dos leitores a certa perturbação. No emtanto, entendemos conservar a licção que se encontra na collecção *O Outono*, dirigida e revista pelo proprio Poeta.

Pag. 51, lin. 2

No transito do senhor Rei D. Pedro V.

Ha que notar no titulo d'estes versos um eloquente artificio poetico. A palavra *transito* significa tanto passagem, como fallecimento. O fallecimento de alguem é a sua passagem para a vida eterna. O vocabulo *passamento*, usado como synonymo no mesmo sentido, corrobora a metaphora.

Como esta poesia nos apresenta a chegada d'el-Rei D. Pedro ao Ceo. e a sua coroação pelos espiritos puros, convinha não o dar por *morto*, mas figurá-lo *vivo* da vida de alem-mundo. A palavra *transito* presta-se admiravelmente aos dois sentidos, e deixa o leitor n'uma indecisão vaga, que auxilia a illusão metaphysica.

Note-se a riqueza, a opulencia extraordinaria d'essa versificação, a abundancia e naturalidade dos esdruxulos, e a musica das pausas.

Pag. 67

Vaticinio.

Esta peça de versos, um tanto artificial, foi escrita a grandes instancias de um amigo castelhano domiciliado em Lisboa, o snr. D. Luiz Breton y Vedra, para o volume intitulado *Corôa poetica* — Lisboa—1862—collaborado, alem de Castilho, por Antonio Justino Simões de Cabedo, Camillo Castello Branco, Eduardo Augusto Vidal, D. Eusebio Asquerino, D. Caetano Frascarelli, clérigo italiano, Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, G. P. Bianchi, José Ramos-Coelho, José da Silva Mendes Leal, Manuel Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Antonio José Viale (que assignou apenas *** L), e D. Luiz Bretou y Vedra. Os prefacios são da penna de Luiz Augusto Rebello da Silva.

Pag. 75, lin 5

Fundae a nova escola, a escola maternal.

N'este periodo da sua vida, a ideia fixa de Castilho era a diffusão do ensino. Todos os seus esforços como cidadão, como escritor, como funcionario, convergiam ao mesmo ponto. N'estes versos ao casamento d'el-Rei D. Luiz torna a advogar a grande causa.

Pag. 77, lin. 1

Deprecação; epistola a S. M. a Imperatriz do Brazil D. Theresa Christina Maria.

Esta monumental composição, que já conta muitas edições, é, como notava D. Antonio da Costa, um allegado juridico proferido por um causídico eloquente e de primeira grandeza; e o doutissimo humanista Antonio José Viale costumava dizer: Se percessem todos os exemplares da rhetorica, bastaria esta peça para ministrar exemplos brilhantes de todas as figuras, de todos os tropos, de todos os arrosjos da Lingua e do estylo.

A semente era boa, e cahiu em bom terreno: o Poder Moderador do Imperio concedeu ao infeliz velho Silva o perdão que o poeta supplicava.

Pag. 81, lin 16

Ao Pae que tem nos Ceos, e ao pae que ante si vê

Aqui deixaremos uma observação, pouco menos que ociosa, pouco mais que microscopica.

E' sabido entre os metrificadores, que (em geral) um verso composto exclusivamente de monosyllabos deixará de ser melodioso, pelo andamento saltitante e sacudido que parece dever ter. Entretanto, um dos mais apurados mestres da lyrica franceza, o sentimental João Racine, escreveu este:

Le ciel n'est pas plus pur que le fond de mon cœnr.

Em todas as obras de Castilho não cremos se encontre um alexandrino todo monosyllabico. O que transcrevemos é-o quasi todo; apenas a palavra *ante* falseou a companhia; e comtudo, não é mais nem menos harmonioso que os seus pares. D'onde se segue, nos parece, que toda a generalidade admite excepção, e que em mãos de bom tocador, até uma flauta de cana consegue vibrar melodia. N'uma rabeca de feira Paganini e Kubelick ficariam magistraes.

Pag. 89

Agradecimento

Agradecendo a sua Majestade a Imperatriz do Brazil a sua interferencia em se alcançar o perdão do velho Silva, torna Castilho a advogar a causa da instrucção popular. E' notabilissima a arte consumada com que o Poeta, no acto de expressar a sua gratidão pela salvação do infeliz, passa a supplicar a suas Majestades a sua protecção em favor das escolas reformadas.

A transição de uma ideia para outra é tão habilmente expressa, que difficilmente se dá por ella. Começa o leitor a ouvir o agradecimento pela libertação do condemnado, e (sem dar pela mudança) encontra-se, quando menos o cuida, a ouvir a eloquente apologia da instrucção no Imperio.

Pag. 103, lin. 1

A penna de oiro.

Esta joia de familia existe, e pertence hoje ao Contralmirante Augusto de Cas ilho, filho do Poeta. Com ella se assignou o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões.

Pag. 109, lin. 6

Fortunata Tedesco di Franco

Esta notabilissima cantora italiana esteve em Lisboa desde 1857 até 1860; voltou em 1864, mas já não era a mesma admiravel intérprete dos grandes compositores musicaes. Dos conscienciosos estudos do eminente entendedor, e nosso querido amigo, o snr. Conselheiro Francisco da Fonseca Benevides, intitulados *O Real Theatro de S. Carlos*, extrahimos, com a devida venia, o que diz da Tedesco:

«Nasceu Fortunata Tedesco em Mantua, na Lombardia, em 14 de Dezembro de 1826. Foi discipula do maestro Vaccai. Debutou no theatro da Scala, em Milão, a 26 de Novembro de 1844, na opera *I Luna ed i Perollo*, de Pasquale Bona. Cantou depois em Vienna de Austria, e em seguida partiu para a America do Norte, percorrendo New York, Philadelphia, Boston, e a Havana. No novo-Mundo colheu muitos triumphos e ganhou muito dinheiro; ali casou com o mexicano Franco. Em 1851 estava de volta, e escripturava-se na Grande Opera de Paris, debutando ali na *Reine de Chypre*, de Halévy, em 5 de Novembro do mesmo anno. O *Propheta* e a *Favorita* foram depois as mais notaveis peças do seu repertorio, e em que mais agradou.

.....
«Possuia a Tedesco uma bellissima voz de meio soprano com lindas notas de contralto, sonora, pastosa, com bastante volume e flexibilidade. Tinha excellente methodo de canto, com estylo largo e bem phraseado. Não eram a expressão e o sentimento as qualidades dominantes de Tedesco; mas o timbre da sua voz, e o bem acabado do seu canto, simulavam ás vezes phrases sentimentaes.

«Era uma bonita mulher, de bellos olhos, posto que a physionomia fosse um tanto immovel, e de estatura avantajada: apesar porém d'esses dotes physicos, não brilhava pela plastica e pelos gestos a celebre cantora. Muito dada a ovações, sacrificava a arte, não poucas vezes, a obter os applausos do Publico; assim, escolhia os trechos mais populares para cantar, embora fosse necessario transportal-os para se adaptarem á *tessitura* da sua voz.

«A Tedesco agradou immensamente em Lisboa; e era na verdade esplendida a execução na maneira por que cantava o *Propheta*, o allegro da aria *Favorita*, o bolero das *Vesperas*, o rondó da *Cenerentola*, etc »

Castilho foi-lhe apresentado, e a gentil cantora, sympathisando muito com elle, convidou-o algumas vezes para as suas elegantes ceias; morava na travessa do Secretario de Guerra, esquina occidental do largo das Duas Igrejas, 1.º andar. A sociedade que ali se reunia habitualmente era culta e agradável.

Pag. 130

Adriana Lecouvreur

Se houvesse direito para tomar contas aos artistas pelo caminho que seguem a sabor das suas veleidades, (no que, obedecem inconscientemente a causas estranhas), lamentariamos o tempo empregado pelo nosso Poeta em traduzir esta opera, que não passava de uma pobre redução da alta comedia de Scribe.

E no entretanto (em tudo ha compensações), serve esta pesada tarefa lyrica para demonstrar mais uma vez a pujança, o brilho, a ductilidade da nossa Lingua. Por esse lado... abençoemos o obscuro e inglorio trabalho, a que esta tentativa magistral agrihoou Castilho por alguns dias. Toda a sua vida o nosso Poeta manteve a persuasão e a convicção, de que a Lingua portugueza é tão apta para o canto como a italiana. Vejam-se os *Vivos e mortos* em varios passos.

Pag. 161, lin. 1

Margarida Bernardi.

Esta joven cantora pouco se demorou em Lisboa; não primava pelo canto, mas sim pela formosura extraordinaria. Foi a estrella mais brilhante de quantas tinham allumiado jamais o palco de S. Carlos. Fei-

ções, garbo, elegancia, graça, tinha tudo. O Publico adorava-a. Quando ella entrava em scena, todos os binocolos se fitavam n'aquelle rosto de Madonna; as senhoras e os homens sentiam-se fascinados.

De Lisboa levantou vôo para S. Petersburgo, e casou com um irmão da cantora Fabbrica.

Pag. 165, lin 1

Pedro Neri-Baraldi.

¡Sympathico sujeito! O seu trato fino e affectuoso conquistou-lhe todas as benevolencias da sociedade de Lisboa.

«Neri-Baraldi—escreve o citado snr. Benevides com o seu criterio de grande entendedor—era um tenor, cuja voz desigual tinha grande suavidade nos agudos, e uma especial flexibilidade, que junta a um bom methodo de canto, lhe permittia obter bonitos effeitos *smorzando*. Nas notas medias e graves o timbre não era agradavel; mas o artista podia n'essa extensão da escala cantar com grande energia. Assim, tornava-se notavel, pelo portamento, o modo como cantava o quarteto dos *Puritimos*, e, pela energia, a execução da aria do *Trovador*.»

Pag. 167.

Marietta Gazzaniga Malaspina.

Dizia esta amavel e intelligente cantora (residente no largosinho da Trindade, esquina da rua larga de S. Roque, n'um bello 2.º andar), pertencer por seu marido á nobre casa dos Marquezes de Malaspina, familia antiga do mais puro patriciado italiano. A isso allude Castilho vagamente.

A Gazzaniga possuia com effeito as maneiras mais senhoris, com a facilidade elegante que só se adquire no muito uso da sociedade. D'ella falam minuciosamente as *Memorias de Castilho*.

Pag. 183, lin. 1

Moretum.

Singular poemeto é este, que os melhores criticos (e entre elles Castilho, bom juiz) collocam na galleria das *obras menores* de Virgilio, entre o *Culex*, a *Copa syrisca*, o *Etna*, o *Ciris*, e outras composições, talvez da mocidade do grande e inexcedivel Mestre.

Uma pessima assorda em bello verso—lhe chamava Castilho, que o relia com gosto, e o fazia ler aos filhos; e tanto se namorou do poema, que o traduziu.

Diz-se hia um quadro flamengo, tanta é a valentia da côr, a perfeição e firmeza da pincelada, e o pontual desempenho dos accessorios. Aquella escura cosinha de aldeia, aquella cabana de camponez napolitano, aquella lareira, aquelle velho e laborioso Símilo, aquella sua escrava Cybale, africana captivada por ventura nas guerras punicas, aquelles bois grandes e mansos, aquella alvorada a romper, tudo são coisas que nos ficam na memoria para sempre, e nos lembram vagamente o riquissimo quadro de Thomaz José da Annunciação *Aida para o trabalho*, hoje possuido pelo nosso dilecto amigo Anselmo Braamcamp Freire.

No grande painel de Annunciação vê-se a partida de um saloio para a sua faina da lavoira diaria. Começa a romper a manha; a luz ainda muito baixa recorta-se em reflexos doirados sobre o chão da tósca arribana, ante a qual o camponez e a sua companheira, apenas illuminados, jungem ao carro os dois enormes bois castanhos. Silencio e escuro em todos os primeiros planos; algumas gallinhas bicam e escarvam no feno. Esta composição, opulenta de tons e formosa de linhas, é uma egloga virgiliana entoada a pincel pelo nosso eminente animalista, de sempre saudosa memoria.

O que vale a forma em Arte e Literatura é incalculável.

No Moretum encontram-se minucias do antiquissimo teor da vida popular, e pormenóres valiosos, que em geral a elevada poesia dos classicos desprezava; novo motivo para apreço. Ha em tudo isto um grande sentimento de verdade sempre expresso com sobriedade e nobreza, dignas do grande Cantor das *Georgicas* e da *Eneida*.

! Notavel coisa, ver como, a proposito de um simples conduto de lavrador, o Mestre conseguiu engendrar um poemal e tanto mais para apreciar, quanto a arte culinaria dos Romanos é em geral pouco conhecida hoje, e devia differir consideravelmente da nossa. Este *moretum* havia de parecer detestavel ao nosso paladar; não assim o pudim romano chamado *su villum*, cuja receita Catão nos conservou.

E a este respeito, e visto termos falado na amavel cantora Gazzaniga, transcreveremos da parte ainda inedita das *Memorias de Castilho* (Liv. IX, cap. VIII) o seguinte fragmento:

«Uma vez, em Março d'este anno de 1860, conversava Castilho com a *diva* sobre assumptos gastronomicos. Até nas materias em que era hospede, achava o privilegiado engenho alguma coisa que interessasse na conversação. Referiu se á arte culinária dos Romanos, e mencionou o pudim conhecido na antiga Roma pelo nome de *savillum*, ou *suavillu n*. Marietta Gazzaniga ignorava de todo esse bolo; Castilho explicou-lhe que se compunha de farinha, ovos, mel, e queijo.

«D'ahi a dias, chega um convite galantissimo da talentosa actriz, para que o poeta lá fosse provar o *savillum*.

«N'uma carta intima ao Marquez de Resende, em 20 de Março de 1860, narra o convidado isto assim:

..... «A proposito de antigualhas romanas..... saberá V. E. que uma senhora de muito espirito me convidou no outro dia para comer com ella, n'uma companhia de gente instruida, uma amostra do *SUAVILLUM* dos Romanos. A nossa pobre *Luculla* só sabia que tal doce se compunha de farinha, quijos, ovos, e mel, e que um autor inglez o compoava com pudim; mas gem que proporções figuravam os quatro ingredientes? o queijo era fresco ou secco? dessalgado ou salgado? os ovos eram *gemma* e clara, ou so *gemma*? Nada d'isto sabia ella. Fez uma tentativa a tóa, e sahiu-lhe bem, posto me parecesse se poderia acertar ainda me hor, e assemelhar-se em fineza de paladar á queijadas genuinas da nossa Sapa.

«Eu não sou gastronomo, mas nem por isso deixa de me causar grande pena. que nos não viesse de algum cosinheiro salio, de algum preparador dos leccisternos, de algum pastelleiro ou conserveiro roma-

no, um tratado do como por lá se comia. Por um livro tal, podiam-se dar, aos olhos fechados, duas PHARSALIAS de Lucano, e quatro GUERRAS PUNICAS de Silio Italico.....»

.....
Daremos aqui, a modo de curiosidade, a receita exacta, que o Poeta ignorava, ou de que se tinha esquecido, tal como a traz Catão no seu livro *De ré rustica*:

«Fabricarás o *savillum* da seguinte maneira: mistura meio arratel de farinha, dois e meio de queijo, como se usa para os *libos*; mais tres onças de mel, e um ovo. Depois de tudo bem misturado, lança-o no tacho, e cobre o tacho com o seu testo. Toma conta em que a massa se repasse do calor do lume até ao centro, onde é mais alta. Quando estiver cozida, tira-a para fóra, deita-lhe mel e semente de papoilas; cobre outra vez com o testo algum tempo, e depois descobre. Serve o *savillum* no seu mesmo tacho, com as competentes colheres.»

A escassez das informações que nos ficaram da cozinha romana torna dobradamente valiosas essas succintas receitas.

Que os reglões elegantes de Roma viviam á grande, e tiravam do alimento um dos prazeres da vida, é certissimo. Que os seus *triclinios* (ou salas da meza) eram adornados de tudo quanto o luxo lhes podia dar, é tambem sabido. Spurinna, citado por Plinio o moço na sua carta I do Livro III, era um nobre ancião, cuja vida correcta e ordenada podia servir de modelo em qualquer parte. A sua meza era frugal, mas muito cuidada, servida em prataria liza e antiga, adornada de vasos de Corinto, e alegrada de boa conversação e pequeninas representações que entretinham os convivas.

Tres refeições tinham os Romanos: o *jentaculum*, logo de manhan para desjejua; é o *petit d'jeuner* dos Francezes actuaes; o *prandium*, pelo meio dia; é o nosso almoço; e enfim a *cæna*, ou ceia, verdadeiramente o nosso jantar, ás 6 ou 7 horas da tarde.

Sabe-se mais, que a ceia começava por ovos quentes, alimento leve destinado a preparar o estomago. *Integram famem ad ovum affero*, diz Cicero n'uma carta; e o proverbio *ab ovo usque ad mala*, desde o ovo até ás maçãs (isto é desde o principio até ao

fim), mostra que o final dos banquetes eram frutas.

N'uma epistola ao seu amigo Septicio Claro (I, XV) censura-o o citado Plinio por lhe ter promettido ir cear com elle, e ter-lhe faltado como um moiro. Creemos que só a modo de gracejo lhe apresenta a lista das iguarias, confessando ter mandado aprestar para cada convidado uma alface, tres caracoes (piteo muito estimado dos Romanos desde o fim da Republica), dois ovos, um bolo de mel, e neve, além de azeitonas, abóboras, cebolas, e outras coisas *non minus lauta*. A' vista da opulencia do amphitrião, atrevemo-nos a ver n'isso uma pura brincadeira.

NOTAS AO VOLUME II

Pag. 5

Xácara de Nossa Senhora de Nazareth.

Não cremos que para lá de Frei Bernardo de Brito se tope vestigio literario d'este caso; documental, nenhum existe.

Essa falta, com ser argumento negativo, induz crer haver sido o imaginoso chronista quem forjou a lenda, n'alguma hora em que, meditativo e prezo na sua cella, lhe refervessem com mais impeto as faculdades *inventivas*. Mas isso é lá com elle, que em 1609, quando publicava a Parte II da *Monarchia Lusitana*, tratou o facto com os pormenores pittorescos que mais lhe aprouveram. Nós outros recebemos de nossos paes esta formosa lenda medieva, como estes a receberam de seus terceiros e quartos avós, contada aos serões, commentada pelas amas á lareira, e ampliada nos accessorios. E quanto o espirito nacional a abraçou, e a identificou ao seu intimo sentir, diga-o o sem numero de registos, pinturas a oleo, azulejos, ex-votos, versinhos, lôas e orações, que o fabuloso veado e o fabuloso corcel do quasi fabuloso D. Fuas Roupinho motivaram.

Logo (perguntar-nos-hão), a ser isso pura phantasia de um fraçe dos seculos xvi e xvii, ¿como pode interessar-nos? ¿que documentos authenticos o comprovam?

Se fossemos a exigir documentação, e certidões authenticas, para tudo quanto narraram os poetas, e repete ou inventa o grandissimo Poeta chamado o Povo, rasgavamos os poemas indicos, a *Iliada*, *Odyséa*, a *Eneida* o *Paraizo perdido*, o *Orlando*, *Jerusalem*, e os *Lusiadas*; queimavamos os *Niebelungen* e o *Fausto*; incendiavamos os melhores qua-

dos dos mais altos pintores de todos os seculos; e britavamos para macadam todas as estatuas romanas e gregas dos museus de Napoles e do Vaticano.

O genio dos povos gosta de ficções; pasce-se d'ellas; a verdade verdadeira vale menos aos seus olhos, do que a fabula verosimil. Da ficção tirou o engenho artistico as suas mais duradoiras obras; e o instincto popular procura e conserva qualquer tradição, mais ou menos maravilhosa, que lhe engrandeça o nome.

Falando de certas narrativas quasi miraculosas (ou pelo menos não provadas documentalmente) que escutou na Terra Santa, diz o eminente Châteaubriand no seu *Itinéraire* (edição de 1821, T. II, pag. 257):

«Descartes e Newton poderiam duvidar d'essas maravilhas em nome da *philosophia*; mas Racine e Milton, com as suas almas poeticas, nunca as haveriam rejeitado.»

Ha factos historicos, perante os quaes se hesita, por não terem authenticação. Exemplo:

Herculano duvidou (sem razão quanto a nós) da veracidade da façanha de Martim Moniz; entretanto a *Porta do Moniz*, no castello de S. Jorge, é lugar apreciado, venerado, consagrado, pelos Lisbonenses graças á tradição popular de muitos seculos.

Diremos mais: as novellas, as narrações conhecidas ficcicias, teem o condão singular de comunicar encanto aos sitios onde figuram passar-se. Exemplos:

O *Arco de Sant'Anna*, de Garrett, deu ao burgo episcopal portuense um prestigio irresistivel.

A menina dos olhos verdes, das suas *Viagens na minha terra*, vêmol-a todos quando passamos no Valle de Santarem, e por ella amamos em dobro essas formosas paizagens.

A menina do *mirante*, do talentoso José Maria de Andrade Ferreira, immortalisou aquella torrinha de Cacilhas; e quando desembarcamos do vapor, parece-nos avistar lá no seu miradoiro o vulto branco da donzella.

O Limoeiro, e todas as suas immediações, seduzem-nos depois das scenas ideaes do *Monge de Cister* de Herculano.

Mais e muito mais ainda: ha tradições reconheci-

damente apócrifas, que nobilitam certos sitios. Exemplos:

Quem atravessa Lamego, evoca o grande congresso das suppostas Côrtes, e julga ouvir os arrazoados dos infanções.

A tragedia da infeliz Maria Telles assalta-nos o espirito quando passamos ao Arco de Almedina, onde ella nunca morou.

Quem chega á Fonte dos Amores, ouve gemer e soluçar Ignez de Castro, que não morreu ahí.

Ha quem conteste que o braço senil do Condestavel D. Nuno arremeçasse do Carmo até ao extremo do Rocio a sua lança; mas basta essa atoarda para que das janellas do *Francfort-Hotel* olhemos embevecidos para os gigantes do antigo mosteiro.

Ninguem tem, nem pode ter, a certeza absoluta de que Luiz de Camões fallecesse na casa onde uma vaga tradição oral se inclina a que elle falleceu; mas basta a plangente voz d'essa tradição, para encher a calçada de Sant'Anna de uma luz ideal que nos deslumbra.

O homem é assim: a imaginação é que o faz viver.

Alguna coisa parecida com estas sensações artisticas, experimentou Châteaubriand, quando na citada obra escreveu (T. III. pag. 124):

«Toda a gente conhece os felizes anachronismos da *Eneida*. Pois, graças ao privilegio do genio, os imaginarios infortunios de Dido são hoje uma parte da gloria de Carthago. Quem avista essa cidade, procura os clarões da pyra funebre, ou julga escutar as imprecações da amante abandonada. Que admiraveis não são essas mentiras poderosas, que assim conseguem senhorear-se-nos da imaginação em logares como aquelles, tão cheios das mais altas recordações da Historia!»

Assim pois (aqui é que bate o ponto), depois de se ler a Xácara de Castilho, não nos venham falar das invencionices de Frei Bernardo de Brito. Quem, recordando essas melodiosas redondilhas, visitar um dia os pittorescos sitios da Pedreneira e Nazareth, ha-de sem duvida escutar com os ouvidos da alma o vozear dos monteiros e o apupar de D. Fuas, e ver, com os olhos da poesia intima, o despenho do veado

diabolico, e a suspensão do cavallo á beira do precipicio.

Pintores e poetas leram sempre e em tudo pelo mesmo breviario; já lá o dis^{se} ha dois mil annos um escritor grande, a quem é quasi crime nomear hoje em dia. Não admira pois que um poeta de alma, como Castilho, se namorasse da lenda de D. Fuas, e a consagrasse. Consagrou-a, não lhe ignorando a pouca valia *historica*; e tanto isto é assim, que, escrevendo-a para os seus *Quadros historico*, a sumiu n'uma nota, não se atrevendo, com o seu criterio de experimentado, a intercalal-a no texto, segundo elle proprio lá declara lealmente.

Pag. 11 lin. 28

Zahra

Esta Princeza moira, que na madrugada de S. João teve a veleidade de ir com as suas damas dar um passeio no mar, a bordo de um bergantim doirado, é pura invenção de Frei Bernardo. Os historiadores castelhanos não a mencionam, que nos conste. A tradição confusa refere-se a Florinda, a formosa filha do Conde Julião denominada a *Cava*. Entretanto essa lenda de Zahra é tão pittoresca, e tanto no tom dos cancioneiros velhos, que soube bem a Castilho o repetil-a.

Pag. 18 lin. 20

O estrabuchar do cavallo

E' extraordinaria a valentia, com que o Poeta, depois de ter primorosamente descrito a scena do despenho do veado, e do quasi despenho do cavallo, retoma o assumpto, o trata de novo pondo-o na bocca de D. Fuas, e consegue (sem se repetir) dar aos seus leitores novo quadro, em tudo igual, e em tudo diverso, do anterior. Estas lutas de forma são assombrosas, mas muito poucos as entendem.

Pag. 22 lin. 15

E inda lá na penha vereis o signal
do pé do cavallo do bom cavalleiro

E' curiosissimo observar, que a lenda da terradura impressa no penedo da Nazareth tem por avoenga outra, referida por Cicero no seu tratado *De natura deorum*, Liv. III, cap. V. Disse-a o Mestre por estes termos incredulos:

¿Ergo et illud in silice, quod hodie apparet apud Regillum, tanquam vestigium ungulæ, Castoris equi credis esse?

¿A caso tambem julgas que isso, que hoje apparece n'uma rocha junto a Regillo, a modo de vestigio de casco, fosse produzido pelo cavallo de Castor?

Regillo era cidade do Lacio, junto da qual havia um lago.

Recitação da xácara da Nazareth

Castilho, segundo se recordam os que o trataram e ouviram, e sabem os que attendem ás narrações desapaixonadas e serias, era declamador exímio.

Um dos seus mais valentes cavallos de batalha era esta xácara. Muita vez lh'a ouvimos assombrados.

Sobre todo o colorido da recitação dominava uma *velatura* de tristeza grave, que dizia com a melopeia natural do rythmo. Aqui e ali abriam-se lampejos de força contrastando com o resto. As duas narrações, tão eguaes e tão diversas, do episodio do despenho empolgavam o auditorio. Fuaes Roupinho falava no tom de um cavalleiro rude d'aquellas eras; el Rei Rodrigo e o rade Romano na voz serena e resignada das desventuras supremas

Sem esforço, sem exagerações, e escondido todo o artificio, tudo corria como uma sonata deliciosa, que nos abalava as fibras intimas do coração; e o auditorio julgava presenciar os effeitos tragicos da avalanche da m irama a desabar sobre o desconjuntado reino dos Visigodos.

Tradução castelhana da Xácara de Nossa Senhora da Nazareth

D'esta xácara, essencialmente portugueza, existe uma bella tradução em castelhano. Reproduzimos-a aqui. Duas palavras sobre o traductor:

Mora ha já annos entre nós, residente na quinta da Mitra com sua mulher, a senhora D. Matilde Perry y Coronado de Torres-Cabrera, o snr. D. Pedro Maria de Torres-Cabrera, genro da gloriosa poetisa D. Carolina Coronado. E' filho do muito illustre e veneravel Marquez de Torres-Cabrera, D. Miguel, e irmão do actual Marquez, tambem do mesmo nome.

Descende o snr. D. Pedro de familia patricia, em cujas successivas gerações se tem perpetuado ha seculos o talento, e o estro poetico. O celebre D. Pedro Calderon de la Barca, ascendente collateral dos Marquezes, e cujo centenário toda a Península glorificou ha poucos annos, bastaria para illustração da estirpe.

Occorre-nos, além d'esse, D. Frei Alonso de Torres y Tápia, outro collateral illustre. Nasceu em Villanueva de la Serena, filho de D. Francisco Mateos de Torres, e de D. Catalina de Tápia, sua mulher, ambos de notoria nobreza. Em 1600 já tinha tomado o habito monastico. Em 25 de Setembro de 1604 recebeu beca na Universidade de Salamanca, de que tomou posse em 5 de Outubro; estudou Theologia, e depois de Licenciado voltou ao seu convento. De 1616 a 1618 foi ahi Sub-Prior, e Reitor de Salamanca por despacho de 25 de Maio de 1619. Exercceu o Priorado no convento até 1626. Em 23 de Abril d'esse anno foi nomeado segunda vez Reitor da Universidade, e Capellão d'el Rei, cargo que no correr do tempo veio a renunciar. Escreveu: *Historia de la Orden de S. Julian del Perero, conocida con el nombre de Alcantara*, obra elogiada pelos litteratos do seculo XVIII, mas infelizmente ainda inedita.

Nos nossos dias, o fallecido Marquez D. Miguel, intelligencia alta e cultivada, foi condiscipulo do grande D. José Zorrilla no Seminario de Nobres em Madrid, e muito apreciado do eminente poeta; toda a vida conservou o gosto aos livros, lendo muito, compondo obras ainda inéditas, e transmittindo á sua

descendencia a applicação e o amor aos livros bons.

Com effeito, o snr. D. Pedro e seu talentoso irmão primogenito, cultivam com o melhor exito as Musas peninsulares. Pena é que a teimosa modestia (que ás vezes é uma especie de egoismo) lhes prohiba apparecerem mais frequentemente nas justas literarias.

Leitor dos poetas portuguezes antigos e modernos, enamorou-se D. Pedro d'esta valente xácara, e ambicionou a gloria de a nacionalisar castelhana. Sahiu-se da tentativa ás mil maravilhas, como os leitores vão ver. Exacção, propriedade de termos, concisão, elegancia, tudo se encontra nos versos, em que a poesia de Castilho se reflecte de modo notavel.

A empreza era porém de costa a cima; o portuguez castiliano tem feição classica especial, que difficilmente se copia; as indoles dos dois idiomas são em alguns casos diversissimas, com parecerem semelhantes; e a obrigação dos toantes constrangia a grandes embaraços. A despeito d'isso tudo, houve-se o traductor por forma, que o *rancio* especial, a *pátina* vetusta do quadro de Castilho, se conservou n'esta versão, portugueza pelo fundo, castelhana pela fórma, castelhana do bom tempo dos cancioneiros.

Vencemos os melindres do traductor, e obtivemos a honra de estampar aqui pela primeira vez a su obra, agradecendo-lhe do fundo d'alma o preto que assim tributou ás Letras de Portugal.

Jácara de Nuestra Señora de Nazaret

(TRADUCCION)

Recuerdos no existen mas gratos y tiernos,
que el alma extasiada evoque gozosa,
que aquellos mezclados con besos maternos
de nuestra lejana infancia dichosa.
Sondar en las minas de ocultas verdades
es noble tarea;
mas cuentos contados de edades á edades.

y sus lujosos vestidos
con humilde pastor trueca.
Así pobre y quebrantado
divi a una iglesia abierta;
es la del gran monasterio
de Cauliana, aquella iglesia.
Los monjes huido habían
con vasos, joyas, y piedras;
viéndola desmantelada
llora el rey con honda pena,
ruborizado el semblante,
y los capillos se mesa;
se juzga causa de todo,
y grande mal se desea.
Solo un monje había quedado
(Romano su nombre era),
que allá donde reposaba
oyó la amarga querella;
baja ligero y vé un hombre
que yace prostrado en tierra
al pié de Nuestra Señora,
rígido y la faz de cera
El buen viejo le socorre,
el rey de vida dá muestras,
y el secreto de quien es
en confesion le revela:
que de su perdido reino
otra cosa no desea,
sinó una cueva sombría,
dó la vida que le resta
cada día y cada hora
pasar en gran penitencia,
comiendo solo raíces,
durmiendo en la dura tierra.

*

Confesado y comulgado
como á cristiano se ordena,
solo, cual llegó, marchara,
si el monge no lo impidiera.
— Si, marchareis, mas no solo;
compañía os daré tan buena,
como jamas ningun rey
así la tuvo en la tierra:

mejor que espadas y lanzas,
que infanteria ligera,
que esforzados caballeros,
mejor que si ángeles fueran,
pues es la Virgen Maria.
Nazaret, la Santa Tierra,
de mil gentes venerada
por los milagros que hiciera;
poseia aquesta Imagen;
mas como la furia ciega
de herejes la persiguiesen,
huyendo hasta aqui com Ella
un monge griego se vino
(Syriaco su nombre era).
En brazos del santo anciano
¡que hermosa estaba y que bella
morenita y agraciada
¡oh! ¡que bien me pareciera!
El lloraba de placer;
sonreia al verle Ella;
Angeles la acompañaban
con celeste cantilena.
Al fin, aqui halló un altar
tras de tan áspera senda,
donde ampara ha largos años
lo que ha poco un reino era.
Y pues el reino con olas
de moreria se anega,
huya, por siervos nosotros,
y con Dios por su defensa.—
Asi dice el pobre monje
llorando con honda pena,
y besando de Maria,
los piés y las manos mesmas;
y entregandola á Rodrigo
asi Romano se espresa,
con lagrimas en los ojos,
y llorando el rey le oyera:
—¡Pecador! ¡de un pueblo rey!
¡cobra aliento! ¡sus! ¡alerta!
que la Reina de los ángeles,
la elegida compañera
de la Trinidad augusta,
la Madre de Dios excelsa,
la nacida sin pecado,

flor de toda gentileza,
luz que espanta á los infiernos
y alumbra mar, cielo, y tierra,
por ir al destierro mismo
llevamos por compañera.
Que nada ya os dé quebranto;
Dios nos guía en nuestra senda.

II

Desiertos quedan los claustros
del cenobio de Cauliana,
que peregrinos rey y monje
ya atravesaron las aguas
del rio que corre al pié,
aquel rio Guadiana,
que los vetustos cimientos
del gran monasterio lava.
Llora el viejo y se detiene
junto á la orilla del agua,
y dice triste mirando
al monasterio ó la lancha:
—Mas perdí yo siendo monje
que él perdió siendo monarca.
El, solo ha perdido estados,
mar que nunca está en bonanza,
y yo te pierdo, mi celda,
que eras la paz de mi alma.
¡Oh puertas! quedad abiertas,
ya mas no sereis cerradas;
altares, quedad viudos
de aquestas reliquias santas;
las reliquias nos llevamos,
os quedan las fieras bravas.
¡Adios, ruiñeñor del huerto,
que despertabas al alba!
¡Mi desvelo de treinta años,
adios, mi dorada lámpara!
y adios! ¡adios, sepultura
que tenia tan marcada!—
—¡Adios, monasterio y reino
grita Rodrigo con rabia,
¡Adios, bella Cava mia,
(mia nó, mas bella Cava).

que por tus ojos me pierdo,
y tambien se pierde España!—
Dijo; y con furor y enojo
súbito volvió la espalda;
y abrazando con ternura
otra vez la imagen santa,
—Partamos—su ojos dicen;
porque la voz se negaba.
—Partamos—replica el monge;—
con huir lograis la palma.
Su padre es traidor al reino,
ella vuestra alma mata;
y si con tantas miserias
seguis amando á esa dama,
pensad en la triste esposa
que viuda dejais...—¡y Zahra!—
le interrumpe don Rodrigo—
¡Ay Zahra triste cuitada!
¡quien aquesto te digera
cuando de San Juan al alba,
fuiste del regio palacio,
allá en la playa africana,
con tus damas á folgar
al mar en dorada barca!
El viento os hizo juguete
como á unas flores cortadas,
y os trajo á quedar cautivas
en las costas de mi España.
Te vi. de amor quedé preso;
un mutuo amor nos inflama;
bautismo y trono me aceptas,
y perjuro soy á Cava.
Mas... torno á verla; amor viejo
del nuevo se desagravia;
á ambas amo, ofendo, y pierdo.
¡Adios, Zahra! ¡Adios, oh Cava!—

*

Dijo; despues se encomiendan
á su guia Inmaculada,
y á ciegas vanse embreñando
por la tierra Lusitana.
De poblados y caminos
van huyendo en sus jornadas,

cruzando rios y montes,
midiendo las noches largas,
sustentándose de yerbas,
orando, y vertiendo lágrimas.
De penas ventiseis dias,
¡he aqui el mar de muchas aguas !
¡el mar, espejo de estrellas !
¡bendito mar que buscaban!
y viendo al pié abruptas rocas,
alli dan gracias, y paran.

III

En la cima de agrio monte
hallan una pobre ermita,
con solo un altar y un Cristo,
las paredes carcomidas.
Nuevas ó señal de gentes,
solo encuentran en la ermita
una muda sepultura,
pues que ni letras tenia.
Era sitio de tristezas;
en busca de ellas venian;
y para hace las mayores
deshacen la compañía.
El rey, fué triste quedar,
quedose solo en la ermita;
pasó Romano adelante;
que andar mucho no tenia
para encontrar un rincon,
entre aquellas breñas mismas,
que por oculto y medroso
á sus fines convenia.
Entre dos rocas que avanzan
sobre las olas bravias,
un tajo cortado á pique
de doscientas brazas, mira,
y en medio un nicho; en él pone
la Santa virgen Maria,
con mil llantos y disculpas
por tan modesta guarida.
Alza con las secas manos
(¿ que mas, ¡ay ! darla podria?)
paredes de piedra tosca

con las que hace una capilla,
al son de un largo cantar.
—Reina del cielo, — decia —
¿ es aqueste digno templo?
¿son aquestas joyas dignas?
¡pobres musgos, pobres conchas!
En lugar de harpas divinas
oirás del mar los rugidos;
como guarda y compañía,
en vez de celestes coros
la, de aqueste viejo, indigna;
solo un viejo, vaso impuro,
rebotando culpa antigua;
y cuando llegue, Señora,
mi muerte que se avecina,
ni tendrás un siervo indigno
que te defienda y te asista,
ni una voz, aunque cascada,
que te ensalce, Virgen mía;
a renovar estos musgos
no vendrá una mano amiga.
¡Que sola vas á quedarte,
Virgen de mi amor divinal
Mas cuando lo ordene tu hijo
ha de llegar algun dia,
que de cristianos te veas
festejada y bendecida.
Lo que el viejo dar no pudo,
ellos darán á porfia:
te haran fiestas, darán casa,
el nombre que merecias.
Vendran aqui mas romeros
que olas en el mar se miran,
y quien cuente sus arenas
tus milagros contaria.
De Nazaret tendrás nombre,
pues de alli fuiste venida;
ni sitio en la cristiandad
habrá de mas nombradia.
Vendran pobres, vendran ricos,
reyes vendrán, morenita,
todos de ti enamorados,
que tu belleza cautiva;
y los huesos de tu siervo
debajo la tierra fria

se alegraran al oirles,
se han de estremecer de dicha.—
Asi cantaba Romano
a todas horas del dia,
con el alba, al sol poniente,
cuando las estrellas brillan.
Le Dios estaba inspirado;
aquella fué profecia,
que en el correr de los siglos
en un todo fué cumplida.
Muerto el viejo, huyó Rodrigo,
y jamas volvió á la ermita,
dó solo el viento, los cuervos,
y el rugir del mar, se oian.

IV

Mañanitas de setiembre
cuando rocío derraman,
¡quien las pudiera dormir,
de otoño frescas mañanas!
Duerma el rey en su palacio,
el pastor en su cabaña,
las aves entre las hojas,
en cueva la fiera brava,
en blando lecho el esposo
con su legitima dama,
cada cual segun pudiere;
mas tales sueños no alcanza
el pobre y triste montero,
que luego que apunta el alba
don Fuas Roupíño, Alcaide,
los hace dejar las mantas.
Los sabuesos y corceles
vuelan, el clarín les llama,
que esta vida de monteros
no halla reposo ni calma.
Temblad, breñales y montes,
huid, fieras alimañas,
que luego al gamo no sirven
los ligeros piés de nada,
ni su furia al jabalí,
si la niebla no les salva,
que nunca mayor se ha visto.

Perdidos todos estaban,
cuando se escucha á lo lejos
la bocina, que les llama,
del Alcaide, y va corriendo.
Mientras su voz se oiga clara
corred trás él los caballos,
salvad las breñas y matas,
no haya atajos ni caminos,
que cuando don Fuas llama
es que corre el jabali.
Reina confusion estraña
de hombres, corceles, y perros,
clarines, crugir de armas,
voces, relinchos, ladridos.
Correr hacia la llamada
á ciégas era correr;
cerca la bocina estaba...
cuando el sonido cesó;
todos á escuchar se paran,
y sienten el mar profundo
romper sus olas airadas.
Rasga el sol la densa niebla,
y miran á la luz clara
en un tajo sobre el mar
que mide doscientas brazas,
las manos sobre el abismo,
temblar, caer sobre el anca,
encabritarse asombrado,
dar un salto atrás, que salva
á un caballo, y á don Fuas
ginete que le montaba.
—¡Por ti, Señora! ¡es por ti!—
al saltar á tierra esclama;
se posterna humildemente,
se santigua, ora en voz baja,
levantase luego, y dice
á su gente estas palabras:

V

Entre ese enorme peñasco,
do me visteis ha un instante
próximo ya á perecer,
y ese otro no menos grande,

ambos sobre el mar á pique,
una pobre ermita yace,
sin que noticias tuviera
en el mundo de ella nadie,
mas que yo, que por acaso
la llegué á ver una tarde.
Nuestra Señora está en ella
con muy risueño semblante,
y con el hijo en los brazos
despierto. De fijo un Angel
ó monges ahí la trageron,
ó acaso, tal vez, ¿quien sabe?
la trajo solo el deseo
de estar mirando sus mares.
Jamás de ella a nadie hablé,
jamás á moverla osase,
que muy comulgada está;
lo revela su semblante.
Allí, pues, se esconde aquella
Señora del poder grande,
entre esas rocas, que veis
parece van á lanzarse
al mar; cual un relicario,
que entre sus pechos guardase
una piadosa muger
temiendo que lo profanen.
Sepultado en el infierno
con Judas traidor infame
quiero ser, si nó fué Ella
la que me salvó ha un instante.
Solo y descuidado iba
sin temor por los jarales;
con la niebla no vi el mar,
ni oí sus olas quebrarse;
cuando me salta un venado;
corro tras él al escape;
mas ni sabuesos le alcanzan,
ni hay caballo que le ataje;
cuanto mas corro mas vuela.
Satanás (duda no cabe)
que por cazar cazadores
en venado e trocase;
y fué acertada eleccion
en bestia tal trasformarse,
que no tuvo que esconder

asi el astado ramage
ni la rasgada pezuña
que pudieran delatarle.
El corria y yo corria,
y mas la niebla á espesarse,
y yo llamando monteros
sin que pareciera nadie.
Ibamos como dos rayos;
ya casi le daba alcance,
cuando le perdi de vista,
y oigo que en las aguas cae;
quiero parar mi caballo;
para mejor refrenarle
el cuerpo echo atrás con furia,
tiro del freno, es en balde,
que no puede contenerse
por la fuerza del escape;
las manos ya en el abismo
sobre los jarretes cae,
que resbalan en la roca
sus piés, que dos surcos hacen;
y en la brega el noble bruto
para lograr levantarse,
ibamos ya á despeñarnos,
y grito: ¡Virgen, salvadme
con vuestro poder!—El resto
lo visteis, que poco antes
el sol rasgaba la niebla.
Un milagro mas palpable
que ha obrado Nuestra Señora,
no creo que pueda darse.

*

Al oir tal los monteros,
con fé y regocijo grandes
van en tropel á la cueva
ante Maria á prostrarse.

La fama famosa de aqueste milagro,
de abuelos á nietos herencia notoria,
de Alcaide de Porto de Mós para gloria
y honor de la Virgen con gusto consagro.
Aun mas se refiere; ya el miedo perdido
de infiel agareno á injurias y daños,

Don Fuas en brazos sacó de aquel nido
la Imagen bendita, que allí en el olvido
vivió cuatrocientos sesenta y mas años.

Y luego en la cumbre del monte eminente
labró para Ella aquel siervo fiel
muy linda capilla, sin puerta ó cancel,
y abierta al sud, norte, levante y poniente.

Del tiempo, que todo consume y devora,
aun hoy la capilla no fué destrozada;
en casa mas noble se ve venerada
y llénala el pueblo con fé salvadora.
Se ven sus paredes del todo cubiertas
(¡aun siendo tamañas!)
de grandes milagros y curas muy ciertas,
que obró con los fieles de entrambas Españas.

Si un día allá fueres, curioso y romero,
oirás esta historia por todos contada;
verás en la roca la huella marcada
del pié del caballo del buen caballero.
El cual, porque todo sepais desde ahora,
fué el mismo Almirante que á Nuestra Señora
debió la victoria del perro Alfamin;
después otra en Cepta de bárbara flota;
y al cabo, trayendo la misma derrota,
en ondas traidoras encuentra su fin.

Termina el romance de historia tan pia;
aquel que gozare de oirla contar,
rece un Padre Nuestro y un Ave Maria
por todo el que surca las aguas del mar.

Traduccion de Pedro Torres-Cabrera.
Marzo de 1905.

Pag. 39

Lenda dos bailarins

Do bom Padre Manuel Bernardes tirou o estro de
Castilho a ideia d'estes versos. Eis aqui a prosa do
insigne Oratiano:

V L X I

II

«No anno da salvação humana 1012, imperando Henrique II, succedeu em Saxonia, que um sacerdote, por nome Ruperto, Presbytero da egreja de S. Magno Martyr, havendo começado a celebrar a primeira Missa da noite de Natal, não podia proseguir, por se achar distraído com os estrondos de um baile que ali perto se fazia; e era: que um homem plebeu, por nome Otherio, com outros quinze companheiros, e tres mulheres, dançando e cantando todos juntos no cemiterio, faziam notavel ruido. Mandoulhes pois o Sacerdote dizer pelo sacristão, que se quizessem aquietar, porque não era aquelle o modo agradável a Deus de festejar noite tão santa; e zombando elles do recado com rizadas e dichotes, como gente de pouco entndimento e menos temor de Deus, o Sacerdote, accendendo se em zelo da honra divina, e do decoro que a seu ministro sacerdotal se devia, disse:

— Praza a Deus que um anno inteiro bailem sem parar.

«Caso estupendo, ainda sómente ouvido, quanto mais visto! A bocca do Sacerdote o disse, e a mão do Omnipotente assim o executou. Amanheceu e anoiteceu o seguinte dia, e elles a bailar. Entrou a roda do novo anno, e elles sem sahirem da mesma roda da sua dança; *in circuitu impii ambulant*. Passou um mez, e outro mez; acudia a gente atonita com tão raro espectaculo; dançando os achava, e dançando os deixava. Perguntavam-lhes uns uma coisa, e outros outra; nada respondiam, nem attendiam. O seu destino, a sua tarefa, que continuavam com incessante diligencia, era só andar á roda uns atraz dos outros, seguindo aos que os guiavam, e todos instigados do agulhão d'aquella praga do Sacerdote: *Deus meus, pone illos ut rotam*. Não comiam, nem bebiam; não mostravam cansasso; não se lhes gastou o calçado; nem se lhes rompeu o vestido; nem cahiu sobre elles chuva. Da continua pista, ou calcadura, sumiram-se pela terra até mais a cima dos joelhos; a si mesmos parece que intentavam sepultar se vivos, ou abrir caminho por onde descessem a dançar ao inferno.

«Quiz certo mancebo tirar da roda a uma das tres mulheres, que era sua irman; e pegando lhe do braço com violencia, este lhe veio na mão desmemorado

do corpo, como se de uma pedra de linho separasse fora alguma estriga, ou, mettendo a mão na massa leveda, trouxesse algum pouco no punho; e ella, como se o braço fosse alheio, nada disse nem gemeu, e foi proseguindo a dança do seu fado, sem da ferida manar sangue.

«Finalmente: ao cumprir-se o anno, pelo Natal de 1013 veio áquelle logar S Eriberto, Arcebispo de Colonia, e os absolveu da maldição, e introduzindo-os na igreja os reconciliou com Deus. As tres mulheres, como sexo mais fraco, expiraram logo. Pouco tambem duraram alguns dos homens, dos quaes se diz que, depois de mortos, obrou Deus por elles alguns milagres, como significando o perdão de seus peccados, que por meio de tão custosa penitencia tinham alcançado. Os mais que sobreviveram, sempre com tremor de membros e espanto dos olhos, mostravam bem o terrivel caso que por elles havia passado; e cada um d'elles era uma estatua do escarmento erigida para protestaçaõ da reverencia que se deve aos mysterios, aos ministros, e aos logares sagrados».

Padre Manuel Bernardes—*Nova floresta* edição de 1708—Tom II, pag. 15.

*

Note o leitor uma interessante minucia. O Padre Bernardes põe este caso no anno christão de 1012. Castilho, acrescentando lhe os *oito centos e trinta e dois annos*, datou os seus versos, e deu nos a era certa de 1844.

*

Concluiremos esta nota dizendo que Santo Heriberto, que foi Arcebispo de Colonia, foi sagrado em 24 de dezembro do anno 999, e falleceu em 16 de Março de 1021 ou 22, conforme dizem os sabios Benedictinos de S. Mauro.

D'elle trata detidamente Adriano Baillet de la Neuville no logar respectivo do 3.º vol. da sua obra *Les vies des Saints, composées sur ce qui nous est resté de plus authentique et de plus assuré dans leur histoire* Possuimos um exemplar dos 12 vol d'esta obra, que pertenceu a celebre Abbade de La Porte, e conserva o seu *ex libris*.

Pag. 45

O rapto de Europa

Este poemeto de Moscho é um dos quadros mais acertadamente desenhados e coloridos, que nos legou a Antiguidade. Conta de idade cerca de 2:150 invernos.

Nasceu Moscho, e viveu, em Syracusa; floresceu uns dois seculos e meio antes de Jesu-Crhisto, e foi contemporaneo de Theócrito e Bion, nas revoltosas decadas do grande Ptolemeu-Philadelpho.

Não só como brilhante pagina poetica se recomenda o poema de Moscho, mas tambem, até certo ponto, como documento historico.

Todos sabem que, nas eras antiquissimas, as pequeninas nacionalidades orientaes viviam em perpétua guerra de latrocinio; roubavam-se reciprocamente rebanhos, terras, cabanas, pastios, sementeiras, e até mulheres. Desde Helena até ás Sabinas são innumeraveis as heroínas d'essas tragedias de mau agoiro. ¡E de Helena para lá! não falemos.

Europa, filha do Rei phenicio Agenor, é uma d'essas principzas raptadas pelos piratas gregos.

O que esses fizeram, perpetraram-n-o não menos, nos tempos nebulosos da nossa Península hispanica, os piratas normandos, e mais modernamente os mouros. Os mosteiros de donas foram aqui, ao longo das nossas praias, saqueados muita vez pelos anonymos salteadores do mar.

A conhecida *Chanson des pirates* do grande Victor Hugo,

*Nous emmenions en esclavage
Cent chrétiens pêcheurs de corail*

é um pittoresco painel de genero historico.

Voltando á filha de Agenor, a formosa Europa:

Julga-se que alguns mareantes gatunos, chegados de algures a bordo de um galeão adornado de uma carranca de toiro, a viram divagando na praia de Sidonia, desembarcaram em tropel, e a levaram. A poesia e a lenda bordaram o resto: o galeão foi o toiro, e o chefe dos salteadores foi um dos muitos Jupiters devassos que pulularam n'aquellas paragens. A pintura conspirou com a poesia, e tirou d'este ca-

so assumpto para telas magnificas, que todas (note-se) vão colher em Moscho pormenores.

Na sua traducção empregou Castilho, como o leitor viu, o magnifico verso alexandrino, em parêlhas alternadas graves e agudas. Como forma, é esta versão um verdadeiro primor, que o bom censor Antonio José Viale se não cançava de elogiar e citar.

Publio Ovidio, que, além de poeta de inexaurível imaginação, era erudito da primeira plana, também certamente se recordava dos versos de Moscho, quando no final do Livro II das *Metamorphoses* trata o assumpto. Sem repetir o que escreveu o seu antecessor, lembra-o talvez em alguns pontos.

Para o leitor gosar melhor a aproximação dos dois engenhos, aqui vai o trecho correspondente na traducção castilhana.

O pae dos deuses, Jupiter, chama a si Mercurio, e encommenda-lhe enxote para a praia a opulenta manada dos toiros de Agenor, Rei da Phenicia. Oíçamos:

O pae, que o vê nos ceos, á parte o chama,
e, sem lhe declarar o amor que o punge,
—«Vae, ministro fiel dos meus decretos,
vae, filho meu, co'a sólita presteza;
desce á terra—lhe diz,—d'onde se avista
tua mãe reluzindo á sestra parte,
e que os seus naturaes. Sílón nomeiam;
o armentio Real, que ao longe a relva
no monte anda a pascer, dirige á praia.»

Disse; e já da montanha o gado expulso
caminha á fresca praia, onde costuma
a do potente Rei mimosa filha
espairecer, folgar, co'as tirias virgens.

A majestade e amor não bem se ajustam;
jamaiz o mesmo peito os accomoda.
Do sceptro, a gravidade emfim depondo,
o Pae e o Rei dos deuses, Jove, aquelle
que armada tem do raio a sacra dextra,
e que ao mínimo aceno abala o mundo,
veste forma taurina; entre as manadas
muge, e pisa formoso as brandas hervas.
E' côr do gelo que nem pés calcaram,

nem co'as azas desfez o sul chuvoso;
ergue a cerviz carnuda; entre as espádoas
graciosa lhe pende e bambaleia
a candila barbella; as bravas pontas
de industriosa mão lavor parecem,
ganham no lustre á perola mais pura;
não tem pesado senho, olhar terrivel;
antes benigna paz lhe alegre a fronte.

A filha de Agenor admira o toiro;
extranha ser tão bello, e ser tão manço;
ao principio inda assim teme tocar-lhe;
vai-se depois avisinando a elle,
e as flores que apanhou lhe applica aos beiços.

Não cabe em si de gosto o ledo Amante;
em quanto a maior bem chegar não póde,
amoroso lhe beija as mãos de neve;
mal se contém que não se arroje a tudo.
Eil-o já pela relva salta e brinca;
já põe na fulva areia o niveo lado;
á virgem pouco a pouco o medo extingue;
e agora off'rece brandamente o peito,
só para que lh'o afague a mão formosa,
agora as pontas, que a Real donzella
de recentes honinas lhe engrinalda.

Ella, emfim, que não sabe a que se atreve,
ousa nas alvas costas assentar-se.
De espaço á beira-mar descendo o Nume,
põe mentiroso pé n'agua primeira;
vai depois mais avante; emfim, nadando,
leva a prêsa gentil por entre as ondas.
Ella, de olhos na praia, ella, medrosa,
segura uma das mãos n'uma das pontas,
sobre o dorso agitado a outra encosta.
Enfuna o vento as sussurrantes vestes.

Pag. 55

A invenção dos jardins.

Traducção do original de Gessner, d'onde Castilho tirou a talagarça para o seu brilhantissimo bordado a matiz:

LYCAS

ou

A INVENÇÃO DOS JARDINS

«Nos nossos lares nos retem encerrados 'o tempestuoso inverno, e turbilhões impetuosos agitam os flocos de neve que veem cahindo como chuva de prata. Vai a imaginação descerrar-me hoje o thesouro das imagens que recolheu, quer na quadra das flores, quer sob os ardores do estio, quer durante a variedade opulenta do outono. Entre essas escolherei as mais formosas, ordenal-as-hei, ornarei com ellas os meus canticos, amavel Daphne. Assim é que para a sua pastora compõe o pastor uma grinalda, escolhendo só as mais lindas flores. ¡Oh! possa eu conseguir agradar-te, hoje que a minha Musa vai celebrar o modo como, na infancia do mundo, um pastor inventou a arte dos jardins.

*

«—Foi aqui o sitio, —dizia o formoso pastor Lycas —foi sob este olmeiro, que hontem ao pôr do sol, me concedeu a linda Chlôe o primeiro beijo. Estavas aqui, suspiravas, em quanto meus trémulos braços te enlaçavam, e em quanto as minhas timidas palavras, este coração palpitante, estes meus olhos arrazados de lagrimas, te declaravam o meu amor. ¡Oh, Chlôe! e foi então, que deixaste cahir da mão tremente o cajadinho; foi então, que te pendeste sobre o meu seio convulso.

«—Lycas, —dizias em voz entrecortada—ó Lycas, amo-te. «prasiveis bosques, fontes solitarias, sêdem-me vós testemunhas: ¿não ouvistes mil vezes os queixumes do meu sentimento? ¿e vós, flores, não bebestes as minhas lagrimas como um rocio matinal?

«¡Oh, Chlôe! ¡que alegria a minha! Sim o amor é uma ventura indefinivel. Seja-lhe este sitio consagrado para sempre. Em volta d'este olmeiro quero plantar roseiras. Ao longo do seu tronco ha-de serpenteiar a flexivel escamonêa, enfeitada das suas flores alvas, mosqueadas de purpura. Quero congregar aqui a primavera toda; junto dos lirios hei-de ir plantar a vistosa pionfa. Aos valles e aos oiteiros hei-de

ir furtar as suas plantas florescentes, violetas e cravos, campainhas azues, e as negras escabiosas. Tudo me ha-de servir; de tudo hei-de engenhar um massiço florido, que ha de rescender os mais doces perfumes. Da nascente proxima hei-de derivar um veio de agua, que abraçando a minha pequenina floresta de boninas ha-de fazer d'ella uma ilhota. Hei-de cercal-a tambem de uma sébe de espinheiros para a resguardar de cabras e ovelhas. Vinde então, vinde, plangentes rôlas, vós que viveis de amor; vinde gemer nos pincaros do meu olmeiro. Vinde, passarinhos, esvoaçae com as vossas companheiras a travez d'estas moitas de rosaes; cantae a vossa ventura nos baloiçosos arvoredos; e vós, variegadas borboletas, ahi tendes flores á farta, e lirios para vos receberem.

«Então, algum pastor que passe por perto, dirá ao receber tão doces perfumes nas azas da aragem:

«—¿A que divindade é este sitio consagrado? ¿Pertence a Venus, ou acaso a propria Diana o adornou assim para ahi descançar na sésta depois das fadigas da caçada?»

Salomão Gessner.

Pag. 65

A primavera no mar.

Esta traducção dos versos de Paulo Mæller foi impressa pela primeira vez na *Revista Universal Lisbonense* de 27 de Março de 1845. (T. IV, pag. 435).

Pag. 87

As metamorphoses do macaco

Eis aqui, para o leitor poder avaliar a *originalidade* d'essa traducção castiliana, os versos do celebre João Silvano Bailly:

LES MÉTAMORPHOSES DU SINGE

Gille, histrion de foire, un jour par aventure
Trouva sous sa patte un miroir;
Mon singe au même instant de chercher à s'y voir.
«O le museau grotesque! ô la plate figure!»
—S'écria-t-il; —«que je suis laid!
«Puissant maître des dieux, j'ose implorer tes grâces;
«Laisse-moi le don des grimaces;
«Je te demande au reste un changement complet.»
Jupin l'entend, et dit: «Je consens à la chose.
«Regarde: est-tu content de ta métamorphose?»
Le singe était dé à devenu perroquet.
Sous ce nouvel habit mon drôle s'examine,
Aime assez son plumage, et beaucoup son caquet;
Mais il n'a pas tout vu. «Peste! la sotte mine
«Que me donne Jupin! le long bec que voilà!
«J'ai trop mauvaise grâce avec ce bec énorme;
«Donnez-moi vite une autre forme.»
Par bonheur en ce moment-là
Le seigneur Jupiter était d'humeur à rire;
Il en fait donc un paon; et cette fois le sire
Promenant sur son corps des yeux émerveillés,
S'enfle, se pavane, et s'admire;
Mais las! il voit ses vilains pieds;
Et mon impertinente bête
A Jupin derechef adresse une requête.
«Ma bonté—dit le dieu—commence à se lasser;
«Cependant j'ai trop fait pour rester en arrière,
«Et vais de chaque état où tu viens de passer
«Te conserver le caractère.
«Mais aussi, plus d'autre prière;
«Que je n'entende plus ton babil importun.»
A ces mots Jupiter lui donne un nouvel être;
Et qu'en fait-il? un petit maître.
Depus ce temps, dit-on, les quatre n'en font qu'un.

Pag. 91 e 93

Invenção da azenha e do cálamo.

Devem necessariamente subir a alta antiguidade estas pequeninas amostras de poesia. São tiradas da *Anthologia* grega, collecção de flores literarias en-

ramalhetadas por eruditos. Parece que o primeiro d'elles (chronologicamente falando) foi um tal Meleagro, um pouco anterior á era christã, e tambem poeta. O nosso Garcia de Resende foi com o seu *Cancioneiro* uma especie de Meleagro do reinado do senhor D. Manuel; e honra lhe seja: conservar é sempre util

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME DO OUTONO

INDICE

VOLUME I

	Pag.
Advertencia dos editores.....	5
A Sua Majestade Fidelissima o Senhor Dom Luiz—Carta-dedicatoria.	7
Advertencia.....	41
I Novo anjo—Elegia no sentidissimo fallecimento de Sua Alteza Impe- rial a Princeza D Amelia de Bra- gança.....	47
II No transito do Senhor Rei Dom Pe- dro V.....	59
III A Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Fernando II.....	63
V A Sua Majestade El Rei o Senhor Dom Luiz.....	65
V Vaticinio.....	67
VI Deprecação—Epistola a sua Majes- tade a Imperatriz do Brazil D. Theresa.....	77
VII Agradecimento—Epistola 2. ^a a Sua Majestade a Imperatriz do Brazil Dona Theresa.....	89
VIII Carta a Sua Majestade o Senhor Dom Pedro II Imperador do Bra- zil enviando-lhe a precedente epistola.....	99
IX Carta aos portuguezes residentes em Porto Alegre no imperio do Brazil agradecendo-lhes uma rica penna de oiro por elles offerecida ao autor depois de impetrado o indulto imperial que na epistola a pagina 77 se havia sollicitado...	

	Pag.
X Adriana Lecouvreur — Opera em quatro actos. traduzida do italia- no do Snr. Achilles de Lauzières: Dedicatoria do traductor a Ma- dama Fortunata Tedesco di Franco—Veisos a toda pres- sa	109
Preambulo do traductor na edi- ção do libreto, de 1858.	117
Argumento da opera.	123
Opera	139
XI Letreiro posto por baixo de um re- trato de M. ^{me} Fortunata Tedesco prima-donna do Real Theatro de S. Carlos de Lisboa.	157
XII A cantora Ersilia Agostini execu- tando o papel de Julieta na ope- ra I Capuleti e Montechi no Real Theatro de S. Carlos de Lisboa, na noite do seu beneficio—Soneto	159
XIII A' prima-donna Margarida Bernardi no s u beneficio no Real Theatro de S. Carlos de Lisboa.	161
XIV Despedida cantada pela prima-don- na Margarida Bernardi ao publi- co lisbonense no Real Theatro de S. Carlos—Musica de Santos Pin- to.	163
XV Despedida ao publico lisbonense cantada por Pietro Neri-Baraldi no Real Theatro de S. Carlos— Musica de Santos Pinto.	165
XVI Despedida posta, com o retrato do autor, no album da prima-donna do Real Theatro de S. Carlos de Lisboa, M ^{me} Marietta Gazzaniga Malaspina.	168
XVII Felicitação da companhia lyrica ita- liana do Real Theatro de S. Car- los de Lisboa ao compositor Mi- gone pela sua opera «San-Piero» — Soneto.	169
XVIII Os porteiros do Real Theatro de S. Carlos de Lisboa aos frequen- tadores das plateias.	171

XIX	Monologo para ser recitado pela actriz Emilia das Neves e Sousa n'uma projectada festa theatral em beneficio da associação promotora da educação popular....	173
XX	Moreto—Traducção de um poema attribuido a Virgilio, offerecida ao ex. ^{mo} Conselheiro Antonio José d'Avila.....	183

VOLUME II

XXI	A Senhora da Nazareth—Xácaras..	5
XXII	O Natal sueco—Extracto de uma viagem de Arndt pela Suecia, inserto no «Penning Magazin» dinamarquez e traduzido pela snr. ^a D. Anna Carlota Vidal de Castilho	23
XXIII	O Natal do pobresinho—Advertencia que precedia este opusculo no tomo IV da «Revista Universal Lisbonense».....	31
XXIV	Lenda dos bailarins.....	33
XXV	O rapto de Europa—Vertido de Moscho, e dedicado as hellenista insigne, e insigne poeta portuguez Antonio José Viale	45
XXVI	A invenção dos jardins—Imitação de Gessner	55
XXVII	A Primavera no mar.....	65
XXVIII	A constancia aldean—Com musica de M. ^{mo} Mosier....	71
XXIX	O rapaz dos burros—Com musica do Snr. Angelo Frondoni ...	75
XXX	Carta ao director do periodico lisbonense «A Semana», supposta haver se-lhe enviado do Porto com a firma I. I. M. P. de A. E. S. publicada no mesmo semanario em 14 de Fevereiro de 1851	79
XXXI	As metamorphoses do macaco....	82

	Pag.
XXXII Traducçãozinha dedicada ao meu vizinho da esquina, que faz criticas	87
XXXIII Arte de ser feliz	89
XXXIV A invenção da azenha—Traducção de um antigo epigramma grego	91
XXXV A invenção do cálamo—Traducção de um antigo epigramma grego	93
XXXVI Versos feitos para a abertura do asylo de Vianna do Castello—Musica de Angelo Fronzoni. ..	95
XXXVII Cantiga de Giraldo Sem-Pavor á moira filha do guardador da torre de Evora.....	101
XXXVIII A tomada de Coimbra—Chacara..	101
XXXIX Versos no pavilhão mandado armar no caes do terreiro do Paço pela Camara municipal de Lisboa, para o festivo desembarque de Sua Majestade a senhora D. Maria Pia de Saboya	109
XL Inscrições no arco triumphal erecto na rua direita do Sacramento para solemnisação do Real consorcio em 6 de Outubro de 1862	111
XLI O amor—Imitado do hespanhol de Rodrigo Cota.....	113
XLII Versos cantados na comedia «O cavalheiro S. Jorge», representada no theatro das Laranjeiras em 1847, pouco tempo depois no de D. Maria II, e em 1855 no de S. João do Porto.....	115
XLIII O <i>Almanach de Lembranças</i>	119
Notas.....	133

Obras completas de A. F. de Castilho

- 3 — Cartas de Ecco e Narcizo, verso.
- 4-5 — Felicidade pela agricultura, 2 vols.
- 6-7 — A primavera, verso, 2 vols.
- 8 a 15 — Vivos e mortos, spreciações morais, literarias e artisticas, 8 vols.
- 16 a 18 — Escavações poeticas, versos, 3 vols.
- 19-20 — O presbyterio da montanha, prosa, 2 vols.
- 21-22 — O outomno, verso, 2 vols.
- 27-28 — Novas Escavações poeticas, verso, 2 vols.
- 29 a 32 — Theatro, Camões, drama e notas, 4 vols.
- 33 — Theatro, Canáce, tragedia original.
- 34 — Theatro, Um anjo da pele do diabo — O casamento de oiro, comedias.
- 35 — Theatro, Aristodemo, tragedia. A volta inesperada farça
- 36 — Theatro, A festa do amor filial. A filha para casar, comedias.
- 37-38 — Palestras religiosas e consolações, prosa e verso, 2 vols.
- 39 a 45 — Casos do meu tempo, prosa, 7 vols.
- 46 — Estrelas poeticas para o ano de 1853, verso.
- 47 a 50 — Télas literarias, prosa, 4 vols.
- 51 — Os ciumes do bardo, As flores, e a confissão de Amelia, verso.
- 52-53 — Mil e um misterios, romance dos romances, 2 vols.
- 54 — A noite do castelo, poema.
- 55 — Tributo portuguez á memoria do Libertador, prosa.
- 58 a 60 — Novas télas literarias, prosa e verso, 3 vols.
- 61 a 63 — Methodo Portuguez de Leitura. Directorio do mesmo, 3 vols.
- 64-65 — Castilho pintado por êle proprio. As escolas dos asilos de Infancia desvalida, 2 vols.
- 66 — Felicidade pela instrução.
- 67 — Ajuste de contas.
- 68-69 — Noções rudimentares para uso das escolas, 2 vols.
- 70 a 72 — Resposta aos novissimos Impugnadores do Methodo portuguez, 3 vols.
- 73 a 75 — Tratado de Mnemónica, 3 vols.
- 76 — Ou eu ou eles, e Tosquia de um camelo.
- 77 a 80 — Cartas, 4 vols.